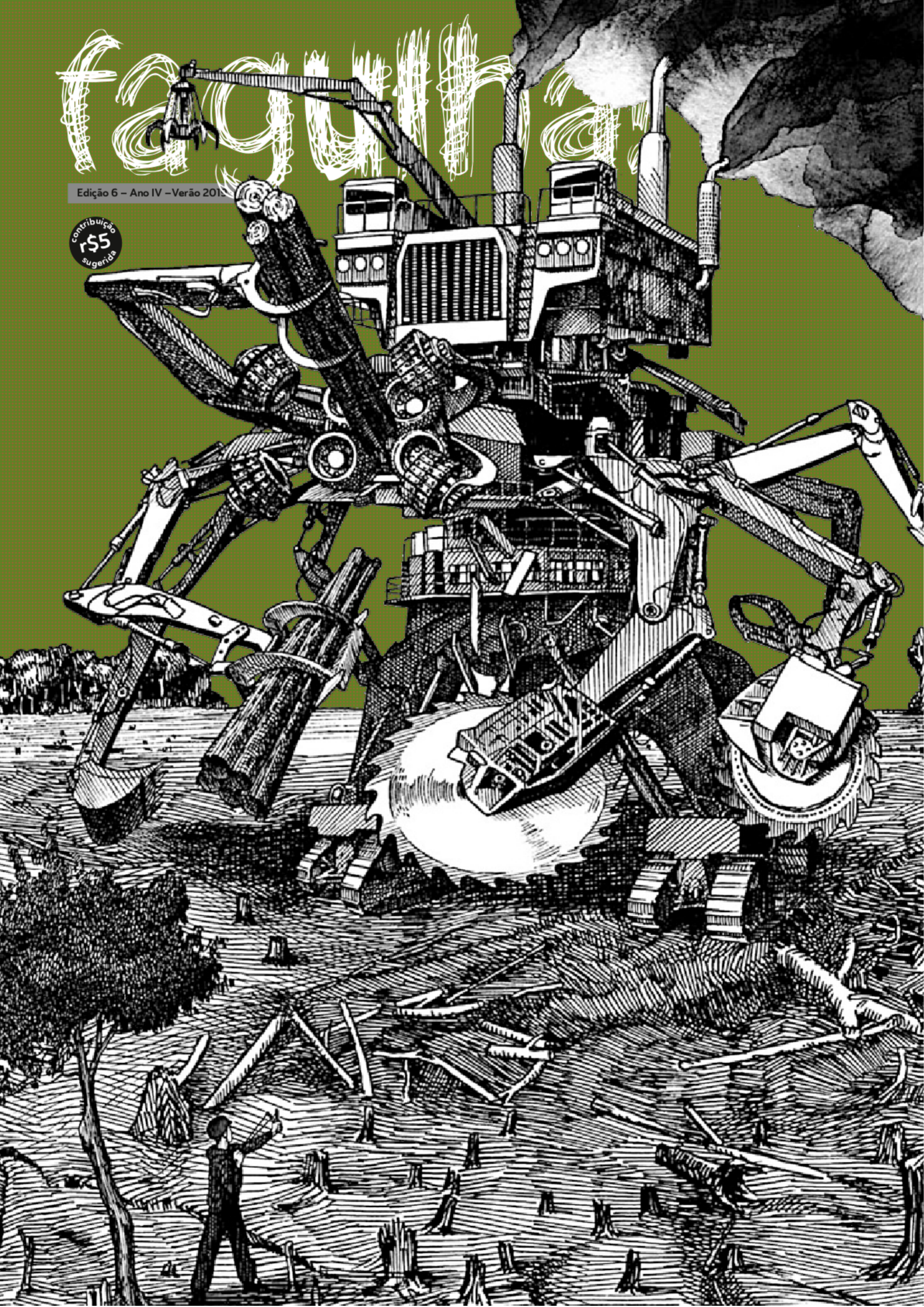


Edição 6 - Ano IV - Verão 2011

contribuição
R\$5
sugerida



*Quando foi que me condenaram
A trabalhar até a morte e
Não poder nada realizar?
A pagar para viver
Na terra que me roubaram?
Quando foi que me acostumei
Com a ideia de que minha pena era justa?
Quando vi fazerem justiça?
Quanto tempo passei sem nada dizer?
Com medo de levantar os olhos,
Estendendo a mão?
O que podem esperar de mim,
Se quando nasci já haviam
Me tomado tudo?
Se ousar falar, se ousar levantar os olhos,
Se meu punho cerrado
Os assusta,
Sei que me ameaçarão privar ainda mais,
Perderei minha esmola,
Não terei mais a caridade de meu executor,
Nem o perdão de seus sacerdotes e,
Se puderem, todas as noites virão
Alimentar-se de minhas entranhas.
Mas o que podem esperar de mim?*

Chile 2019.



ATENÇÃO! Não leia nada que está escrito nestas páginas sem questionar! Nenhuma pessoa é detentora da verdade. Acreditamos que pontos de vista são verdades em si, e que eles jamais devem ser impostos sobre as outras pessoas como únicos e exclusivos. Cometeremos equívocos, pois eles são inevitáveis e necessários para evoluir, por isso esperamos que Fagulha seja feita de diálogos, nunca de um monólogo. Se você discorda do que dizemos, ou acha que veiculamos visões incompletas, escreva e dê a sua opinião.

Para falar conosco escreva para:
fagulha@riseup.net

Todos os textos, e mais, estão disponíveis em nosso site:
www.fagulha.org

Todo conteúdo desta edição de Fagulha foi criado ou plagiado por: Molho de Tomate, Drupa, Graxaim-do-Mato, Enxurrada, Matalonga e Cachorro Voador. Com exceção do que está indicado com nomes de outras pessoas, é claro.



Todos textos de Fagulha podem e devem ser copiados. Impor regras e restringir a circulação de informações é sabotar a evolução e libertação das pessoas e dos povos.



Quer fagulha ou quer
tribuição? Discordou
publicada na revista?
Quer publicar? Escreva
em
ou entre em contato
nas sociais!

net/fagulha/
n.rll/fagulha

Índice:

Desabafo	7
O que queima a Amazônia	14
Uma Solução Anarquista para o Aquecimento Global	21
Saúde & Militância	32
Por que o Veganismo Tem Que Ser Anticapitalista	37
Masculinidade Rompida	40
Somos Todas Antifascistas (Menos a Polícia)	43
Casos Isolados	50
Livros & Filmes	52
Histórias de Resistência	54



Ecuador, 2019.



resista.

Nos últimos dias tenho andado um pouco triste e melancólico. Não sei bem por quê, mas as notícias sobre a devastação ambiental, cultural e todas as mortes que o Estado Brasileiro está realizando, ou pelo menos incentivando, estão me batendo mais forte. Fiquei bem mexido quando vi a notícia de que um desembargador homofóbico autorizou a ação do prefeito do Rio de Janeiro de recolher livros que continham a imagem de um beijo gay e fiquei assustado ao perceber que o desdobramento disso seria a censura ou autocensura de todos os meios de comunicação, que parariam de transmitir cenas de afeto entre pessoas do mesmo sexo. Quase chorei ao ver a foto de um tamanduá-mirim machucado pelo fogo na Amazônia e minha garganta secou enquanto imaginei quantos milhões de animais foram e continuam sendo mortos e tendo seu habitat destruído pela estúpida ação humana.

Se paro para pensar nas razões dessas notícias estarem me afetando tanto por esses dias - apesar de saber que coisas igualmente ruins acontecem e vêm acontecendo há milhares de anos - a conclusão que chego é que estou triste porque não estou fazendo tudo o que gostaria para fazer deste mundo um lugar melhor. Tenho consciência de que individualmente faço bastante, o suficiente para saber que estou contribuindo e ocupar o tempo que tenho disponível - mas o que sinto falta é de estar conectado com outras pessoas que pensam de forma similar e realizar coisas de forma coletiva. Estar juntos, pensando e compartilhando perspectivas e fazendo planos.

O sistema tem sido muito eficiente em nos deixar desanimadas, sozinhas, isoladas em apartamentos ou no trabalho, olhando para telas luminosas. Parece que há uma inteligência por trás disso tudo que sabe que quando estamos sós somos frágeis e impotentes e que a nossa união é uma ameaça às forças conservadoras e ao status quo. O capitalismo produz uma sensação de isolamento generalizada ao mesmo tempo em que nos dá uma ilusão de conexão - a comunicação nunca foi tão fácil, mas também nunca nos sentimos

-
- 1 Decisão que depois foi revertida pelo STF, pelo menos até o momento da redação deste texto.
 - 2 Mas não podemos cair na armadilha de pensar que um indivíduo ou um grupo de pessoas são nossas inimigas, quando na verdade nos opomos a estruturas de poder, a formas de pensar e ver o mundo.

tão sós. Isoladas somos forçadas a prover para todas nossas necessidades sozinhas (no máximo em casais) e isso só é possível recorrendo ao mercado, trabalhando horas num emprego que suga toda nossa energia mental e física. Esse desgaste nos gera uma percepção de que estamos sem tempo ou energia para nos reunirmos para fazer alguma coisa a respeito e assim escolhemos ficar em casa, aumentando ainda mais nossa solidão e isolamento. É um ciclo vicioso.

E no dia seguinte acordamos e temos novamente que correr atrás do pão, pagar o aluguel, a conta da luz, o telefone, etc. E assim adiamos a construção de uma alternativa, acreditando que um dia teremos o tempo para trabalhar nisso (ou que outras pessoas farão isso por nós), mas isso não vai acontecer, a situação não vai melhorar. A menos que estejamos dispostas a transformá-la. Uberização do emprego, reformas trabalhista e da previdência, caos ambiental elevando preço dos alimentos, tudo conspira para nos deixar cada dia mais sem tempo, mais presas às engrenagens do capitalismo, descrentes do nosso próprio poder de transformação.

Se não arranjarmos tempo hoje para nos encontrar e conspirar juntas sobre como é a vida e o mundo que queremos e o que podemos fazer a respeito, amanhã será mais difícil. Pois amanhã o sistema vai estar mais aperfeiçoado em nos manter presos em nossas rotinas cama/trabalho/Netflix/cama, pois amanhã estaremos mais frustradas e desempoderadas, deprimidas, talvez algumas de nós sejam presas ou mortas, talvez muitas tirem sua própria vida no meio desse desespero, ou simplesmente trabalharemos até morrermos velhas e cansadas.

Ou isso ou fazemos algo a respeito. Agora. Talvez gente provavelmente não vai saber de cara o que queremos fazer e como fazê-lo. Mas podemos começar simplesmente nos encontrando regularmente, olho no olho, pra saber o que cada pessoa está sentindo, tá pensando, o que ela já está fazendo e como podemos ajudar ela a fazer mais e com o tempo podemos descobrir o que podemos fazer juntas. Mas é importante termos a consciência de que nós temos tempo para isso, que "não ter tempo" é uma escolha que fazemos - muitas vezes inconscientemente, sem ao menos saber que existem outras opções - quando optamos pelo estilo de vida que o sistema nos vende: ter um emprego de turno integral, morar sozinho pagando aluguel, ir ao cinema, jantar fora, tomar cerveja pra desopilar, viajar nas férias, etc.

Da forma como consigo enxergar as coisas temos essas duas opções. Ou nos submetemos a esse sistema, aceitando o que ele tem a nos oferecer e, principalmente, o que vai tirar de nós, ou nos juntamos já com pessoas próximas e começamos a pensar em como quebrar o ciclo que nos prende em nossas rotinas e retroalimenta o próprio sistema. Eu escolho a segunda opção.

Quem vem junto?

Drupa.

Decidi morar numa cidade do interior a quase 1.000km das minhas amigas, das ruas que sei o nome, dos movimentos que me formaram enquanto "militante" e das causas que acredito. Todos os dias eu acordo pensando em voltar. Mas ao mesmo passo voltar já não é mais uma alternativa, pois as coisas que me afastaram seguem lá, grupos cheios de razão, conflitos diretos entre anarquistas, lugares incríveis subutilizados por capricho de alguns, desunião e um conseqüente isolamento, igualzinho a estar aqui, com a diferença de poder colar em algum evento outro.

Tenho pensado muito sobre como vamos "construir" espaços de convivência comuns entre nós, onde pessoas diversas possam circular, conviver, pensar juntas, criar e desenvolver práticas, se apropriar de tecnologias e manter princípios anárquicos e anarquistas.

Estou momentaneamente chamando isso de "projetos de longo prazo", não consigo sintetizar nome melhor, mas talvez seja exatamente isso que tenho sentido falta. Estamos sendo atropelados pelas urgências, organizando resistências contra as pautas "da vez" e muitas vezes tretando por causa disso e desperdiçando oportunidades de construir projetos de longo prazo, onde as questões "do momento" tenham sim o seu espaço na pauta, mas que um objetivo maior e ordem prático seja o aglutinador disso.

Vejo bons exemplos por aí, cada um suas peculiaridades e características, porém são tão poucos que sequer encham os dedos de uma mão. E penso que precisamos de mais espaços físicos de encontro, pensamento, cultura e promoção de práticas. Mas vejo que o "manejo" e "administração" desse tipo de espaço é uma tarefa complexa, que requer a constante mobilização das pessoas, independentemente de ser um centro social ocupado, um instituto, uma ong, um coletivo com espaço próprio. Essa mobilização é onde reside os problemas, pois me parece que a cada dia as pessoas estão cada vez imersas em seus problemas, como vão pagar o aluguel, o TCC para terminar, etc.

Essa semana fiquei pensando sobre a editora, como estou sobrecarregado com ela e fiquei um pouco frustrado em perceber que se esses equipamentos e papéis estivessem em um espaço compartilhado, com mais pessoas, como parte de um projeto maior, poderia ser melhor não só para mim, mas para todas as pessoas que direta ou indiretamente são "tocadas" pelo projeto da Monstro. Porém eu não tenho as respostas, somente as perguntas.

Recentemente eu descobri o "The Autonomous Research Institute for Direct Democracy and Social Ecology" <https://ariddse.org/about-the-institute/> um espaço independente para pesquisadoras e pesquisadores no interior dos Estados Unidos. Fiquei pensando como essas pessoas conseguiram esse espaço, como ele é mantido e tudo que é desenvolvido lá. Um dos projetos que eles contribuem ativamente é o "A World Without Police" aworldwithoutpolice.org um repositório incrível de questões que mobilizam diversos segmentos da sociedade, independentemente do espectro anarquista. A questão é que essas pessoas conseguem mobilizar pessoas que contribuem com o espaço, seja através de participação ativa, seja colocando a mão no bolso com quantias pequenas e em alguns casos quantias maiores. Dai volto a pensar em nós. Estamos todos lascados, sequer conseguimos manter uma ocupa sem brigar, e nos poucos espaços em que isso acontece, as dificuldades são imensas.

OK, o exemplo do "Autonomous Research Institute..." é grande demais, beleza. Mas quase todas as pessoas que já tiveram oportunidade de viajar pela América Latina sabem que existem centenas de centros sociais, ocupas, espaços comuns e paradas semelhantes funcionando, talvez sem tanto espaço, talvez sem aqueles painelzão solar, mas cheios de vida, de pessoas, de participação e atividades.

Com isso percebo que o problema não está no espaço em si, mas em nossa capacidade de mobilização em torno dessa questão. Talvez estejamos envolvidos demais com nossas vidas que não estamos conseguindo tocar projetos de longo prazo junto com outras compas. Talvez seja o momento de pensar um pouco mais sobre isso, de falarmos uns com outros sobre a importância de termos um espaço de uma biblioteca, de um centro social, de um espaço cultural, de um lugar. Pois a cada dia, parece que estamos ficando sem lugar no mundo, isolados e perdendo a capacidade de agir.

Sei que é bem possível de conquistarmos isso, algumas pessoas já estão fazendo isso, dedicam boa parte do seu tempo em "construir" espaços que não são a sua casa, mas que podemos dizer que são parte de suas vidas.

Eu ainda não sei o que vou fazer com esse sentimento de estar longe e isolado, apenas sei que não quero que seja sempre assim e que cedo ou tarde poderei carregar impressora, guilhotina e caixas de papel para outro lugar e compartilhar com mais pessoas a felicidade que sinto ao editar, imprimir, montar e distribuir os livros da editora.

Por mais espaços comuns,
vertov.

Então, cara, isso que tu comentou, das pessoas não conseguirem manter uma iniciativa sem brigar, estarem correndo atrás de dinheiro conecta direto com o que tá rolando aqui.

Mas faz mais ou menos um mês que tá acontecendo algo muito legal aqui na cidade. Começamos nos encontrando com uma ideia meio vaga de fazer uma conversa sobre Comunicação Não Violenta e anarquia. E o que rolou foi uma conversa de horas onde as pessoas expuseram suas ansiedades e inseguranças, por quê estavam ali e foi um encontro muito lindo, onde, apesar de terem surgido alguns momentos de tensão, todas pessoas estavam muito focadas em escutar as outras. Eram 20 pessoas em roda, conversando, sem facilitador, por quatro horas e em nenhum momento ninguém falou por cima de ninguém, ninguém foi interrompida.

Várias pessoas trouxeram à tona a frustração de reuniões como essa que começam cheias de gente e entusiasmo e aos poucos vão se esvaziando até que acabam. Então alguém lançou a pergunta: "O que cada uma de nós precisa para continuar vindo a essas reuniões?". E espontaneamente algumas pessoas começaram a responder. Abaixo alguns dos diálogos que se sucederam:

- Eu me desmotivo de participar se comessem a aparecer só uma ou duas pessoas nas reuniões - respondi.
- Quantas pessoas precisariam estar presentes para tu continuar motivado? - alguém me perguntou.
- Se aparecerem umas quatro ou cinco pessoas já me dou por satisfeito.
- Quem aqui se compromete a estar presente na próxima reunião? - alguém indagou para o grupo.

Então mãos começaram a se levantar por todo lado. Nas reuniões seguintes, tinha pelo menos o dobro do mínimo de pessoas que mencionei.

Outra pessoa respondeu:

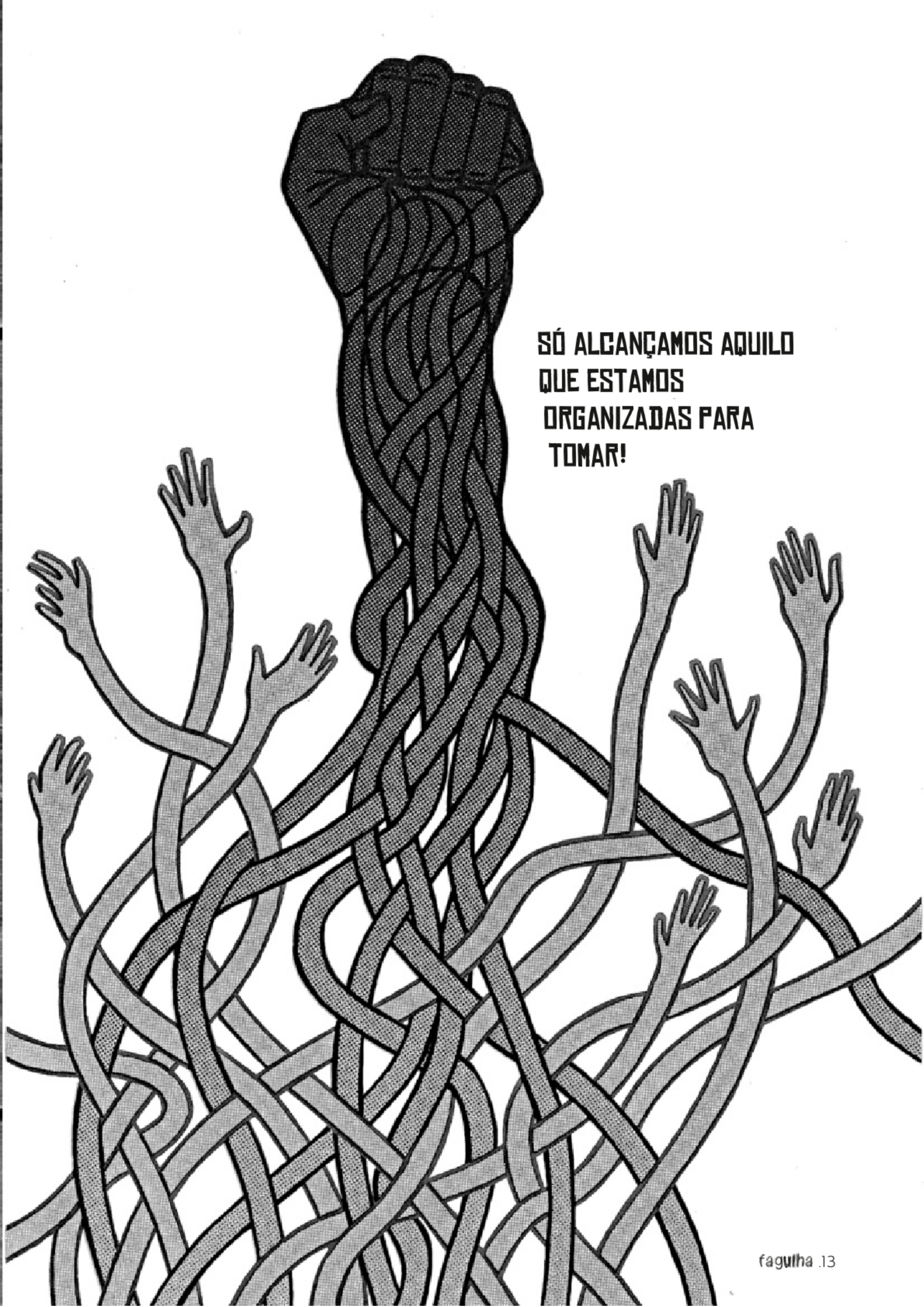
- Para estar presente aqui hoje à noite, tive que deixar de trabalhar, e essa grana me faz falta. Na noite da próxima reunião, eu também teria que trabalhar, então pra estar presente eu preciso ter alguma forma de conseguir esse dinheiro.
- Quanto tu receberia pelo teu trabalho?
- R\$60.
- Será que a gente consegue levantar essa grana coletivamente?

Nos encontros que se seguiram realizamos sempre uma pilha de grana, onde quem tinha recurso financeiro para compartilhar poderia colocar seu dinheiro ali e quem precisasse podia pegar à vontade. Até o momento conseguimos cobrir todas as necessidades financeiras que foram manifestadas, como no caso acima e em outros casos onde as pessoas precisavam de dinheiro pra passagem de ônibus ou outra coisa.

O que eu tenho achado mais incrível nesses encontros é esse foco no que as pessoas precisam para estarem juntas. Ao invés de definir uma pauta específica e pré-determinada para essas reuniões, optamos por estar conectadas com o que é importante para cada uma daquelas pessoas naquele momento específico. Alguém sugeriu uma pergunta geradora: "O que é a melhor coisa que podemos fazer aqui hoje?" e a melhor coisa que temos conseguido fazer é justamente isso: estarmos juntas, nos esforçando para acolher as demandas outras pessoas, nos vulnerabilizando ao expor nossas próprias demandas e carências e tentando juntas apoiar umas às outras para que possamos continuar fazendo o que já fazemos e termos fôlego para fazer ainda mais, seja em empreitadas individuais ou coletivas.

No momento "a melhor coisa que temos para fazer" parece ser cuidar umas das outras, fortalecer nossas conexões. Ainda não chegamos na parte de fazer projetos a longo prazo ou traçar estratégias, mas acredito que tem o potencial de chegar lá.





**SÓ ALCANÇAMOS AQUILO
QUE ESTAMOS
ORGANIZADAS PARA
TOMAR!**



o que queima a AMAZONIA

por Fação Fictícia.

*“Fico preocupado é se os brancos vão resistir.
Nós estamos resistindo há 500 anos.”*

– Ailton Krenak

O cenário é sombrio: no dia 19 de agosto de 2019, uma fumaça encobre cidades do estado de São Paulo, fazendo o dia virar noite às 15h da tarde. No dia anterior, na Islândia, pessoas organizaram o primeiro funeral, com lápide e minuto de silêncio, para uma geleira declarada morta que desapareceu devido às altas temperaturas. A fumaça de detritos que encobriram São Paulo foi causada pelos focos de incêndio florestais na região amazônica. E a geleira desapareceu devido ao aumento da temperatura na região, relacionada ao dióxido de carbono que se acumula na atmosfera.

Cenas trágicas, quase pitorescas, quase absurdas, poderiam soar até mesmo cômicas se não fossem reais. Mas de tão extremas, nos lembram de imagens e eventos fictícios como os do romance Não Verás País Nenhum, uma distopia social e ambiental brasileira de Ignácio de Loyola Brandão. O livro, escrito na década de 1970 – em plena dita-

dura civil-militar no Brasil – descreve um regime ditatorial fictício conhecido como “Civiltar”, que celebra – com datas festivas e tom ufanista – eventos como o corte da última árvore da Amazônia e declara com orgulho ter agora “um deserto maior que o do Saara”. Compondo o ambiente trágico, todos os rios brasileiros estão mortos e jarras com a água de cada um dos rios extintos são expostos em um museu hidrográfico. Dunas de latas de alumínio e rodovias bloqueadas permanentemente por carcaças de carros abandonados compõem os arredores de São Paulo. A cidade, por sua vez, sofre com súbitos bolsões de calor capazes de matar qualquer desavisado e doenças misteriosas que consomem os cidadãos, principalmente aqueles em situação de rua. O autor alega ter se inspirado em eventos reais que pareciam absurdos e raros na época, mas hoje se mostram cada vez mais reais e frequentes do que nunca.

1. <https://www.washingtonpost.com/world/2019/08/20/sudden-darkness-befalls-sao-paulo-western-hemispheres-largest-city-baffling-thousands/>
2. <https://news.yahoo.com/funeral-lost-ice-iceland-bids-180334218.html>



Chefe do povo Tenharim no sul do Amazonas em meio ao combate aos focos de incêndio.

No mundo real, as notícias do aumento de queimadas na Amazônia chocaram a opinião pública ao redor do mundo e focos de incêndio ainda são reportados enquanto escrevemos esse texto. Queimadas aumentaram 82% em 2019 em relação ao mesmo período no ano passado no Brasil segundo o Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais. As imagens catastróficas de destruição e morte alimentaram a indignação das pessoas e organizações de diversos países preocupadas com a saúde vida no planeta devido a importância da floresta Amazônica para regulação do clima e por sua biodiversidade. Tais imagens mobilizaram líderes políticos como o presidente francês Emmanuel Macron, que levou o tema para a reunião de cúpula do G7 e trocou farpas com o presidente Jair Bolsonaro na mídia após oferecer milhões em para fundos destinados ao combate aos incêndios florestais.

As imagens distópicas se tornam mais assustadoras quando surgem nos noticiários do mundo real. E já colecionamos algumas: desde o fim de 2018, cerca de meio bilhão de abelhas foram encontradas mortas em quatro estados brasileiros. A morte desses insetos fundamentais para o plantio de 75% dos vegetais que comemos está fortemente ligada ao uso de agrotóxicos proibidos na Europa mas liberados no Brasil. Voltando para agosto

de 2019, a Justiça não considerou procedente a acusação contra um fazendeiro que usou agrotóxicos jogados de um avião como arma química contra comunidade indígena de Guyra Kambi'y no Mato Grosso do Sul em 2015. Também em agosto de 2019, grupos de agricultores, grileiros, sindicalistas e comerciantes usaram um grupo de Whatsapp para coordenar incêndios ao longo de estradas no município de Altamira, no Pará, epicentro dos incêndios que consomem a floresta Amazônica. O grupo anônimo declarou o "dia do fogo" em apoio às palavras do presidente e para demonstrar que "querem trabalhar".

Mesmo com as notícias da onda de incêndios recentes ligando as políticas do presidente Jair Bolsonaro às agressões contra florestas e povos indígenas e camponeses, é preciso ter claro que vemos a intensificação de um processo tão velho quanto a colonização das Américas. Para ficar nos exemplos mais recentes, temos projetos de expansão e aceleração do crescimento na época da gestão do PT, como a construção da usina de Belo Monte, que desalojou e impactou comunidades indígenas e milhares de outras pessoas que vivem no campo. E também a aprovação do Código Florestal em 2012 que permitiu que fazendeiros avançassem sobre territórios indígenas e reservas naturais com impunidade, além de suspender

3. <https://exame.abril.com.br/brasil/meio-bilhao-de-abelhas-morreram-no-brasil-e-isso-e-uma-pessima-noticia/>

4. <https://www1.folha.uol.com.br/ambiente/2019/08/em-dia-do-fogo-sul-do-pa-registra-disparo-no-numero-de-queimadas.shtml>

5. <https://istoe.com.br/bolsonaro-intencao-e-nao-demarcas-mais-terra-indigena-e-revisar-area-irregular/>

a demarcação de novas terras, mostram que governos de esquerda ou de direita enxergam a natureza e a vida humana como recursos para produzir commodities. A ameaça oferecida por um governo de extrema direita, como o de Bolsonaro, declaradamente inimigo do povo, das mulheres, dos povos indígenas está para além da violência física da repressão política e policial. Ele vai apenas intensificar as agressões que nunca deixaram de acontecer, ao mesmo tempo em que declara que não vai reconhecer mais nenhuma terra indígena.

corpos, as espécies que se foram, as geleiras que desapareceram e os rios que estão pavimentados, tudo isso permanecerá assim por muitos anos. Vivemos coletando o que precisamos de ruínas e das pilhas de sucatas deixadas para trás. Todo material que foi tirado do solo para ser jogado na superfície e nos mares não vão voltar da noite pro dia para o seu lugar de origem.

Reconhecer esse cenário inevitável tem impacto em nossas perspectivas revolucionárias de futuro com o fim do Capitalismo. Não existe mais uma promessa de vida além do capital que seja apenas de

Anarquistas em protesto contra o governo e os desmatamentos na Amazônia, em São Paulo, 23 de agosto de 2019.



Um desastre de 500 anos

Por séculos sobrevivemos dentro do maior desastre que ameaça toda forma de sustentabilidade da vida, dos biomas e das comunidades nesse planeta. Essa ameaça não é uma obra divina ou das forças inevitáveis da natureza. O seu nome é Capitalismo – o sistema econômico-político mais cruel, desigual e impactante para a vida que já existiu. Ele foi criado por seres humanos e pode ser eliminado pelos próprios seres humanos.

No entanto, mesmo acabando com esse sistema econômico que explora pessoas, promove genocídios, polui, degrada e envenena a terra, a água e o ar, nós teremos que sobreviver às consequências de termos deixado a burguesia e os líderes de estado chegarem tão longe. A destruição de ambientes inteiros, os venenos nos rios e em nossos

fartura e partilha de um mundo em equilíbrio, com recursos infinitos. O que temos pela frente serão formas de compartilhar a autogestão de nossas vidas em meio a recuperação da saúde dos biomas, das nossas relações e nossos corpos após séculos de agressão e exploração – organizar a vida em regiões que se tornaram hostis a ela.

É preciso relacionar nossas ações e formas de organizar a resistência agora com as noções sobre em que mundo nossas perspectivas revolucionárias vão se materializar. Certamente não será um mundo de paz, estabilidade e equilíbrio. Serão diversas comunidades humanas sobrevivendo em meio a um planeta afetado por séculos de degradação e poluição. Na melhor das hipóteses para o futuro, a imagem de uma revolução vitoriosa será similar a situação em Kobane em 2015: uma cidade destruída por bombardeios e ainda cheia de solos minados.

Mas nem é necessário imaginar um apocalipse quando a pior das distopias já é parte da realidade. Nas cidades de Mariana e Brumadinho, em Minas Gerais, barragens geridas pelas mineradoras Samarco e Vale se romperam devido a falta de manutenção e descaso com a vida humana, selvagem e o com o meio ambiente. Em Mariana, 19 pessoas morreram com o rompimento em 2015; em Brumadinho, ao menos 248 pessoas morreram e dezenas continuam desaparecidas depois do colapso da barragem em janeiro de 2019. Em nome do lucro e do menor investimento em segurança, essas em-

presas e seus gestores provocaram um das maiores desastres ambientais do país e do mundo, ceifando vidas e afetando milhares de pessoas – sejam parentes dos que morreram ou comunidades indígenas, ribeirinhas e rurais que dependem da terra e dos rios devastados pela lama tóxica que estava retida nas barragens.

Exemplos como esses nos ensinam que a pior tragédia não é o fim do Capitalismo, mas sua própria existência. Como disse uma vez Buenaventura Durruti numa entrevista de 1936, em plena Guerra Civil Espanhola:



*Nem utopia,
nem distopia:
revolução!*

“Sabemos que não vamos herdar nada mais que ruínas. Porque a burguesia tratará de arruinar o mundo na última fase da sua história. Porém, nós não tememos as ruínas, porque levamos um mundo novo em nossos corações. Esse mundo está crescendo nesse momento”.

Então que queima a Amazônia?

Há um considerável consenso entre a comunidade científica, instituições governamentais, movimentos sociais, povos do campo e das cidades quanto impactos e riscos trazidos pelo aquecimento global e a crescente industrialização e urbanização. Algumas dessas consequências que estão prestes a se tornarem irreversíveis. Como o próprio desmatamento da Amazônia que pode se tornar irreparável caso atinga 40% da sua área total.

Exigir de governos nunca foi nem será uma saída definitiva para nossos problemas. Especialmente desastres ambientais causadas por suas próprias políticas. A grilagem de terras e o desmatamento na Amazônia não pode ser dissociada do crime organizado que persegue, contrabandeia e mata no campo. Cerca de 90% da madeira extraí-

Guerreiros Mundurukus sem apoio do Estado partem para a ação direta para expulsar madeireiros da Terra Indígena Sawré Mybu, no Pará.



da é contrabando sustentada por um vasto aparato do Capitalismo ilegal que permeia milícias armadas e o próprio Estado.

Líderes populistas de extrema direita como Bolsonaro nos colocam numa situação ainda mais delicada. Por um lado, vão negar que existe qualquer necessidade de ação para conter o aquecimento global – lembramos que, depois de Trump, Bolsonaro foi o único líder a ameaçar também abandonar o Acordo de Paris, alegando que aquecimento global é uma “fábula de ambientalistas”. Isso ajuda a mobilizar suas bases da extrema direita, que admira e celebra a completa desonestidade como demonstração do poder político.

Por outro lado, à medida que as consequências do caos climático e dos desequilíbrios ambientais se tornarem fatos concretos e inegáveis, esses líderes se beneficiarão oportunamente de crises socioambientais, escassez de produtos, migrações de refugiados e desastres climáticos, como furacões e enchentes, usando tudo isso de pretexto para acelerar a implementação de medidas para restringir acesso a serviços como saúde, transporte e segurança. Essas saídas autoritárias e militarizadas para determinar quem terá acesso a recursos necessários à vida em um contexto de escassez generalizada é o que muitos teóricos tem chamado de ecofascismo.

Cogitar a intervenção de Estados estrangeiros com interesses econômicos nas florestas Amazônicas não é nada além da continuidade do colonialismo que começou em 1492. Não será nenhum governo que vai solucionar o problema dos incêndios e dos desmatamentos. O máximo que conseguirão é retardar ou diminuir minimamente os impactos da exploração. Mas o Capitalismo neoliberal não aceita nada que não seja crescimento e

mais crescimento – isto é, a transformação das matas e dos recursos dos solos em bens de consumo competitivos no mercado global hoje.

Então, o que queima a Amazônia – e todo o planeta? A resposta é clara: o latifúndio, a disputa por terras, o lucro (legalizado ou não) e propriedade privada. Nada disso será alterado por nenhum governo eleito ou imposto. Uma perspectiva ambiental deve ser uma perspectiva revolucionária pelo fim do Capitalismo e todos os Estados.

Exercitar nossa capacidade de imaginar

As imagens distópicas do livro *Não Verás País Nenhum*, assim como do romance 1984 de George Orwell, são avisos em forma de projeções fantásticas e exageradas do que pode acontecer de pior caso não sejamos capaz de mudar o curso da história. Mas em alguns momentos temos a impressão de que nossas distopias favoritas são usadas, ironicamente, como um manual para os governos e instituições que trazem à vida nossos piores pesadelos: câmeras em cada esquina, nossas tevês e celulares vigiando nossos comportamentos e sentimentos enquanto o mundo é envenenado e destruído – e com ele nossos corpos.

Distopias são avisos, mas as utopias são, por definição, lugares que não existem e ou representam cenários impossíveis de se alcançar. Por isso, as consideramos inúteis. Precisamos de outros lugares, mas lugares possíveis. Precisamos ser capazes de imaginar um mundo diferente.

Se usarmos nossa capacidade de inventar ou acreditar em apocalipses zumbis e calamidades do cinema ou da literatura para imaginar e construir uma realidade para além do Capitalismo desde já, estaremos em um caminho muito melhor. Hoje

nosso caminho beira a descrença e a passividade. E a realidade tem superado a ficção. Mas não existe neutralidade em um trem em movimento que corre para um abismo. Cruzar os braços é ser conivente. Agir individualmente é insuficiente, pois mantém a lógica que nos trouxe até aqui. É preciso imaginar e também buscar referências revolucionárias recentes ou tradicionais e milenares de vida coletiva autogerida, organizada e igualitária entre os povos do mundo.

Precisamos redescobrir e compartilhar referências de sociedades funcionando sem Estado e sem Capitalismo, como a Comuna de Paris em 1871, a Revolução Russa e Ucraniana de 1917, a Revolução Espanhola de 1936. Devemos lembrar também que os dois últimos exemplos terminaram com a traição e a repressão direta ou com a conivência do Partido Bolchevique e da ditadura Estalinista que o sucedeu, levando adiante um processo de industrialização sem precedentes e o deslocamento em massa dos povos camponeses. Isso ilustra por que é tão importante desenvolver uma maneira de imaginar que não apenas replique as visões do industrialismo capitalista.

Podemos olhar também para os episódios atuais como o Levante Zapatista no México desde 1994 e a revolução em andamento em Rojava, ao norte da Síria, onde os povos nativos se levantaram em armas e milhões de pessoas organizam sua

economia, seu trabalho, sua educação e a gestão de cidades, vilas e campos sem um Estado ou uma economia baseada na propriedade privada dos meios de produção.

Além de exemplos anarquistas ou influenciados por princípios anarquistas, temos ainda todas as nações indígenas ao nosso redor: Guaranis, Mundurucus, Tapajós, Krenaks e tantas outras que, há cinco séculos, resistem à expansão colonial europeia e capitalista. Todos são referências vivas com os quais anarquistas podem aprender sobre vida, organização e resistência sem Estado e contra o Estado. Se há alguma forma de solidariedade fundamental nesse momento de ataque contra a vida na Amazônia, é entre os movimentos sociais, os pobres e excluídos de todo mundo e os povos indígenas e camponeses de toda América Latina. A saída para as crises do Capitalismo que levam a incêndios em larga escala e desmatamentos, como os que estão em andamento na Amazônia, precisa passar pelo apoio e solidariedade com as lutas e movimentos de base que se afastam da busca pela gestão neoliberal dos recursos do solo, das florestas, das águas e das pessoas.

Por uma solidariedade entre os povos e as classes exploradas, e não entre o paternalismo e o colonialismo dos governos! O fim da crise ambiental e do aquecimento global é o fim do Capitalismo!



“De fato, já estamos no olho do furacão. Os preços da energia subiram por já termos alcançado o pico na produção global de petróleo e seu conseqüente e inevitável declínio posterior. Furacões, secas e padrões climáticos imprevisíveis tornaram-se mais frequentes e intensos, fazendo-nos sofrer as conseqüências do aquecimento global que nós mesmos provocamos. Enquanto isso, a qualidade do solo e da água continua a se degradar e a biodiversidade colapsa com uma taxa de extinção de espécies 10.000 vezes superior à normal. Por sua vez, a tremenda crise nos preços dos alimentos em que se vê o mundo neste momento é a indicação mais poderosa até agora de que já não se deve esperar um retorno a situação anterior. Pelo contrário, o que vemos é a batalha final entre a necessidade infinita de crescimento do capitalismo neoliberal e os recursos limitados de um único planeta. E não é com toda a engenharia financeira ou as invenções de tecnologias de última geração que o dinheiro pode comprar que este sistema irá escapar de seu colapso inevitável. Ele atingiu o ponto de inflexão e nós somos a geração a que corresponde à duvidosa honra de viver e morrer em seus últimos espasmos.”

– Uri Gordon, *Presságios Sombrios: política anarquista na época do colapso.*





Uma Solução Anarquista para o Aquecimento Global

por Peter Gelderloos

Se a resposta dos “capitalistas verdes” para as mudanças climáticas somente joga mais lenha na fogueira, e se os governos em escala mundial são incapazes de resolver o problema, como anarquistas sugeririam reorganizar a sociedade para poder diminuir a quantidade de gases estufa na atmosfera e sobreviver a um mundo que já mudou?

Não há uma só posição anarquista e muitos anarquistas se negam a oferecer qualquer tipo de proposta argumentando que quando a sociedade se libertar do Estado e do Capitalismo, ela mudará organicamente e não de acordo com um anteprojeto. Além disso, a atitude policial de ver o mundo desde cima e impor mudanças é inseparável da cultura responsável por destruir o planeta e oprimir a seus habitantes.

Contudo, queremos esboçar uma possível maneira de como poderíamos organizar nossas vidas, não dando uma proposta concreta, mas sim porque as visões nos fazem mais fortes e todos nós necessitamos de coragem para romper de uma vez por todas com as instituições existentes e com as

soluções falsas que nos oferecem. Seguindo os propósitos deste texto, não vou entrar em nenhum dos importantes debates com respeito a ideais – níveis apropriados de tecnologia, escala, organização, coordenação e formalização. Vou descrever como uma sociedade ecológica e antiautoritária poderia se manifestar, fluindo desde a complexidade social do momento presente. Por razões de simplicidade, tampouco entrarei em debates científicos sobre o que é e o que não é sustentável. Esses debates e a informação que apresentam são acessíveis extensamente para quem queira fazer sua própria investigação.

Baseio a descrição deste possível futuro mundo no que é fisicamente necessário e o que é eticamente desejável, em concordância com as seguintes premissas:

A extração de combustíveis fósseis e seu consumo devem se encerrar por completo. A produção de comida industrial deve ser substituída pela colheita sustentável de comida a nível local. Estruturas centralizadas de poder são inerentemente



exploradoras do meio ambiente e opressivas para as pessoas. A mentalidade de valor quantitativo, acumulação, produção e consumo – ou melhor dizendo, a mentalidade do mercado livre – é inerentemente exploradora do meio ambiente e opressiva para as pessoas. A descentralização, a associação voluntária, a auto-organização, o apoio mútuo e a não-coerção são viáveis e funcionaram dentro e fora da civilização ocidental inúmeras vezes.

Bem-vindas ao futuro. Ninguém imaginaria que a sociedade global seria desta maneira. Sua característica mais definitiva é sua heterogeneidade. Algumas cidades foram abandonadas, árvores crescem através de suas avenidas, rios fluem onde antes o asfalto cobria a terra e os arranha-céus se desmoronam enquanto capivaras pastam em meio ao cimento rachado.

Outras cidades prosperam, porém mudaram a ponto de se tornarem irreconhecíveis. Terraços, lotes vazios e avenidas foram convertidas em hortas. Árvores frutíferas e nozes formam fileiras em cada quadra. Galos cantam a cada amanhecer. Em torno de um décimo das ruas – as grandes vias – permanecem pavimentadas ou asfaltadas, ônibus funcionando com biodiesel passam com frequência.

Outras ruas foram amplamente ocupadas por jardins e hortas, embora ciclovias cortem o centro delas. Os únicos edifícios que têm eletricidade durante as vinte e quatro horas do dia são os centros de tratamento de água, os hospitais e as estações de rádio. Os teatros e os edifícios comunitários obtêm energia em rodízio somente até a tarde para que possam ficar abertos para noites de cinema ou outros eventos. Praticamente todos têm velas e lâmpadas, e é assim que sempre há alguma luz em muitas janelas até tarde. Porém não é nada parecido com o que era antes. Na noite é possível ver as estrelas no céu e as crianças ficam boquiabertas quando os mais velhos lhes dizem como as pessoas haviam abandonado esse prazer.

A eletricidade é produzida por uma rede de usinas de energia que queimam desperdícios agrícolas (como espigas de milho, por exemplo), por meio de alguns biocombustíveis e através de uma quantidade reduzida de turbinas eólicas e painéis solares. Porém a cidade funciona com só uma fração do que usava anteriormente. As pessoas aquecem e resfriam seus lares por meio de um design solar e eficiente, sem eletricidade alguma. Nas regiões mais frias, as pessoas complementam isso no inverno com a queima de combustíveis renováveis, porém as casas estão bem isoladas e os fornos estão projetados com a máxima eficiência, por isso não é necessário muito. As pessoas também cozinham em fornos a base de combustíveis ou, em climas mais temperados, com fornos solares. Algumas cidades que utilizam mais eletricidade para a indústria manufatureira e para manter formas de geração de eletricidade renovável (solar, eólica e energia das marés e correntezas dos rios) também cozinham com eletricidade. Muitos edifícios têm uma lavadora coletiva, sem secadoras e todas as vestes são secadas como antigamente: em uma corda de varal.

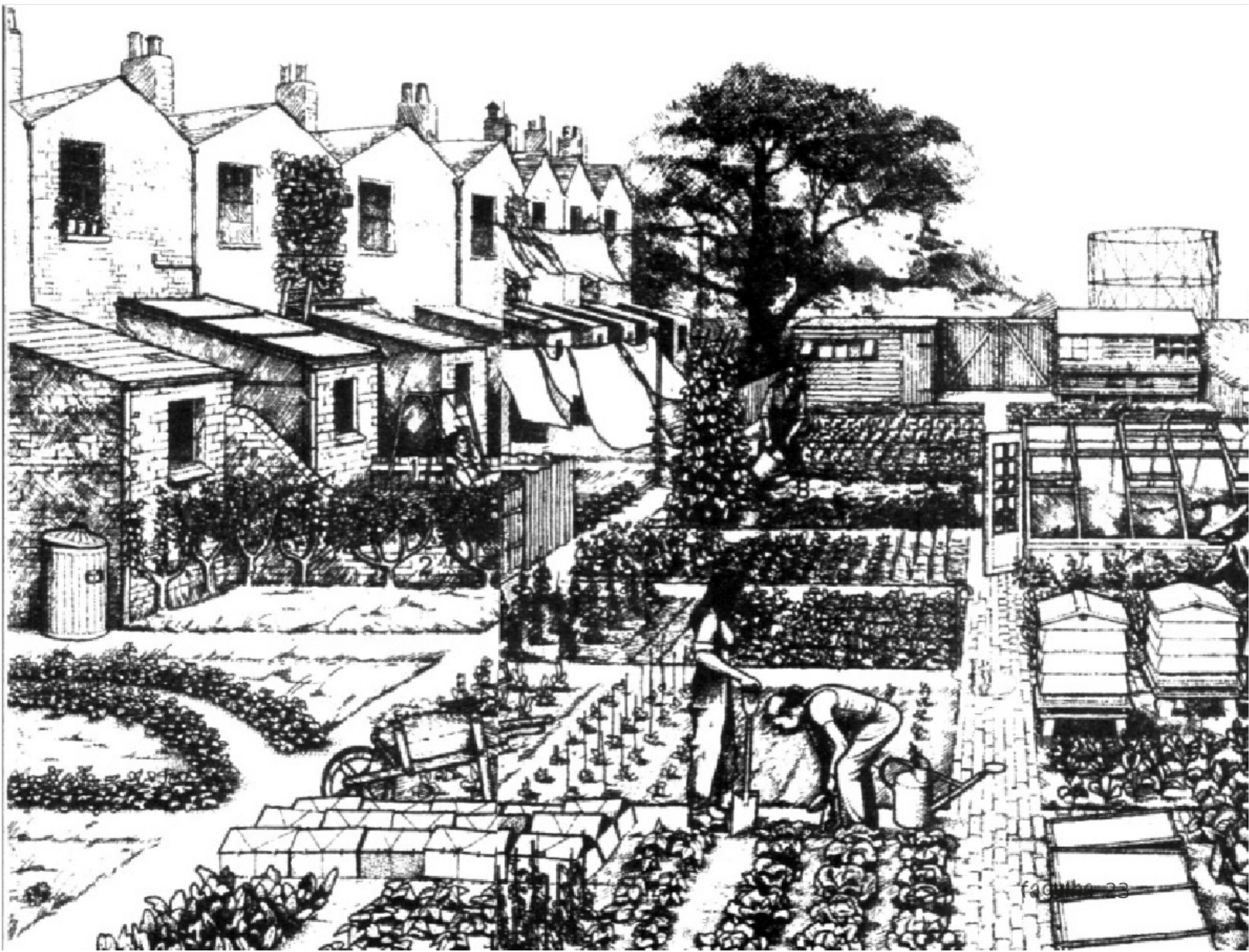
Ninguém tem um refrigerador, embora cada edifício ou apartamento tenha um congelador comum. As pessoas guardam alimentos perecíveis como iogurtes, ovos e legumes em uma geladeira portátil ou no porão, e comem alimentos frescos ou enlatados. Elas colhem nas hortas de suas quadras a metade do que consomem. Quase todos os alimentos que consomem são colhidos a vinte milhas de onde vivem. Nenhum alimento é geneticamente modificado ou produzido com químicos e todos são produzidos pelo seu sabor e nutrição, não por sua perenidade e facilidade de transporte. Em outras palavras, todos os alimentos têm um melhor sabor e as pessoas são muito mais saudáveis. Doenças cardíacas, diabetes e câncer, alguns dos maiores assassinos da sociedade capitalista, desaparecem. Os supervírus, criados durante o capitalismo, que mataram milhões de pessoas durante o colapso desapareceram em sua maior parte e o uso de antibióticos quase chegou ao fim. As pessoas vivem em condições mais saudáveis globalmente e têm sistemas imunológicos mais fortes. As

viagens globais não são nem tão frequentes nem tão aceleradas. As pessoas também tem uma maior consciência com respeito ao meio ambiente e uma conexão pessoal com a biorregião porque se alimentam do que se produz em temporada e o do que se colhe localmente, e também porque são elas mesmas quem os colhem.

Cada casa tem um banheiro de compostagem e uma pia, porém não há esgoto. Se tornou uma espécie de regra subentendida ao redor do mundo que cada comunidade deve assumir a responsabilidade por seus próprios dejetos com bacias de evapotranspiração. Livrar-se de resíduos jogando-os rio abaixo tornou-se o maior tabu. As relativamente poucas fábricas restantes usam fungos e micróbios em grandes terrenos florestais ao redor das zonas industriais para corrigir qualquer eventual contaminação que produzam. Os bairros convertem seus dejetos em adubo ou combustível. A quantidade de água é limitada, porém os edifícios estão equipados com coletores de água da chuva para as hortas e para fazer faxinas. As vivências que excedem em muito a cota recomendada de uso de água são publicamente surpreendidas. A cota recomendada não é imposta, é simplesmente uma sugestão compartilhada por quem trabalha nos consórcios de tratamento das águas, baseada na quantidade de

água que a cidade está permitida desviar da fonte principal e em concordância com todas as comunidades que compartilham a fonte.

Na maioria das cidades, as pessoas organizam assembleias periódicas para a manutenção de hortas, estradas, ruas, edifícios, creches e para mediar conflitos. As pessoas também participam de reuniões em qualquer sindicato ou projeto infraestrutural que desejam dedicar seu tempo. Estes podem incluir o consórcio de água, as cooperativas de transporte, o consórcio de eletricidade, os hospitais, a união de construtores, as fábricas ou as enfermarias (a maioria dos tratamentos médicos é realizado por herbalistas, naturopatas, homeopatas, acupunturistas, massoterapeutas, parteiras e outros especialistas que atendem a domicílio). A maioria destas organizações são descentralizadas ao máximo, confiando a indivíduos e pequenos grupos de trabalho a realização de suas tarefas, embora quando necessário, se coordene através de reuniões que normalmente funcionam como assembleias abertas usando o consenso, com uma preferência por compartilhar perspectivas e informação sem tomar decisões sempre que possível. Algumas vezes, reuniões interregionais (como por exemplo, a reunião de comunidades que compartilham a fonte de água), são organizadas com uma estrutura de delegações, ainda que as reuniões



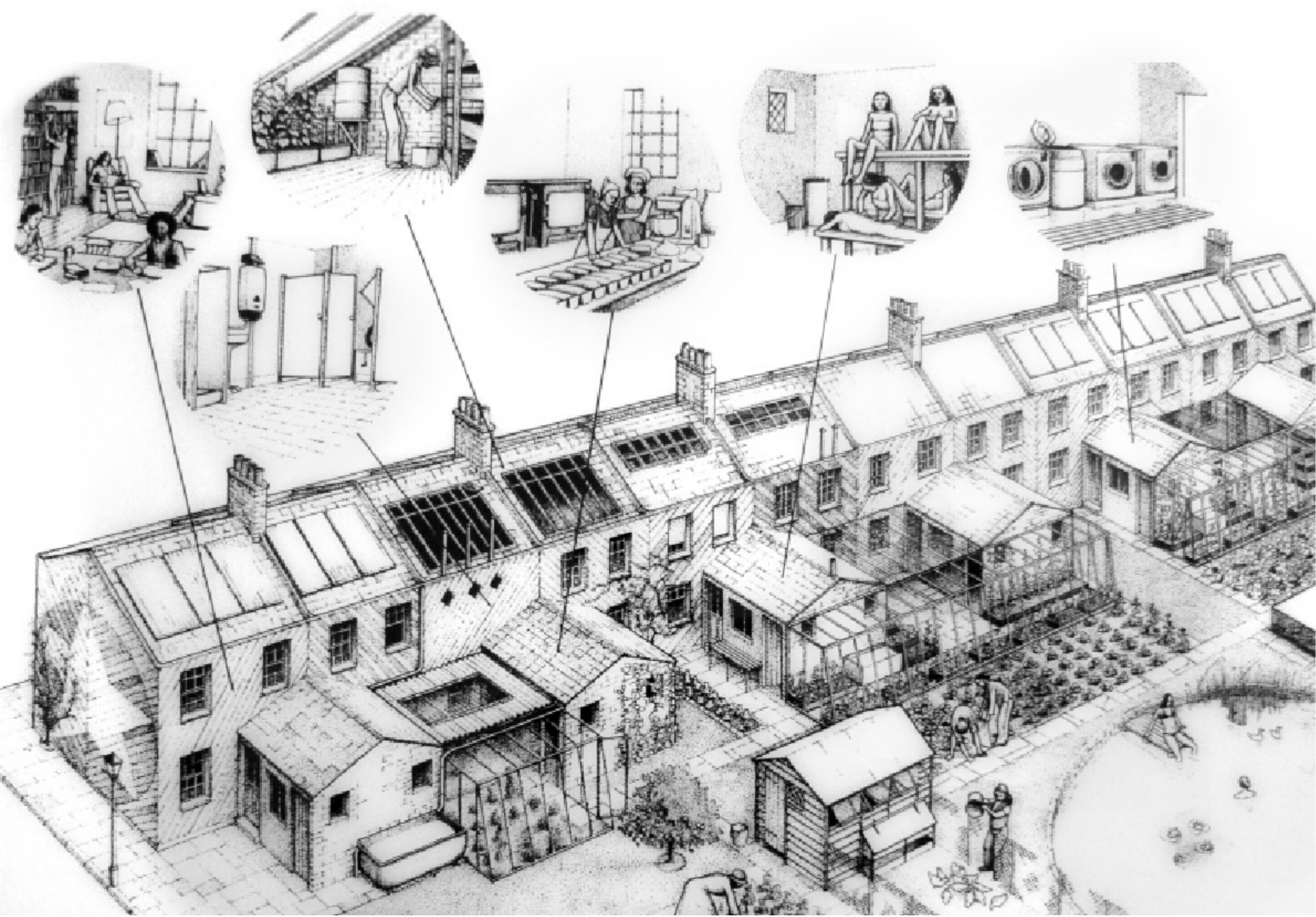
sempre estejam abertas a todo mundo, e sempre procuram chegar a decisões que satisfaçam a todos já que não há instituições coercitivas e qualquer tipo de coerção é reprovada por tentar “trazer de volta os velhos tempos”.

Como o poder está sempre num nível local, na medida do possível, a grande maioria das decisões é tomada por indivíduos ou grupos pequenos que compartilham afinidades e trabalham juntos regularmente. Uma vez que não há ênfase para controlar e acumular poder impondo homogeneidade ou singularidade de resultados, as pessoas descobrem que a maior parte da coordenação pode ocorrer organicamente, com gente diferente tomando diferentes decisões e resolvendo por si mesmas como reconciliar suas decisões com as dos demais.

Embora as sociedades de hoje estejam estruturadas para criar sentimentos de comunidade e mutualidade, existe também espaço para a privacidade e solidão. Muitos bairros têm cozinhas comunitárias e salas de jantar, porém as pessoas podem cozinhar e comer por si mesmas, quando lhes der vontade – e elas normalmente o fazem. Algumas sociedades tem muitos chuveiros públicos, e outras não, dependendo das diferenças culturais.

A comunização forçada em experimentos passados de utopias socialistas não existem nesse mundo. A propriedade privada foi abolida no sentido clássico dos meios de produção que as pessoas necessitam para sua sobrevivência, porém, qualquer um pode ter quantos objetos pessoais elas conseguirem – roupas, brinquedos, reservas de doces e outras iguarias, uma bicicleta, etc.

Quanto menor a comunidade, maior a probabilidade dela operar com uma economia de dádiva – qualquer coisa que você não use pode dar como um presente, reafirmando seus laços sociais e aumentando a quantidade de objetos em circulação – a qual é talvez a economia mais comum e de mais larga trajetória na história do ser humano. Além do nível de bairro, ou quando se trata de objetos raros ou que não são produzidos localmente, as pessoas podem negociar. Os sindicatos de algumas cidades podem utilizar um sistema de cupons para a distribuição de coisas que escasseiam ou que são de produção limitada. Se você trabalha no sindicato de eletricidade, por exemplo, pode obter um número de cupons que podem ser usados para conseguir coisas da fábrica de bicicletas ou de alguma fazenda fora da cidade.



Os itens mais comumente produzidos nas fábricas são bicicletas, ferramentas de metal, roupa, papel, equipamentos médicos, biodiesel e vidro. Mais comum que a fábrica é a oficina, onde as pessoas fabricam quaisquer tipo de coisa, com uma qualidade maior e em um ritmo mais lento e digno e saudável. As oficinas usualmente usam materiais reciclados (afinal, há muitos centros comerciais antigos e cheios de lixo e sucata) para fabricar coisas como brinquedos, instrumentos musicais, roupas, livros, rádios, geradores de eletricidade, bicicletas e partes de automóveis.

O trabalho não é obrigatório, porém quase todo mundo trabalha. Quando não se tem chefes é possível fazer coisas que são úteis e que têm significado, as pessoas tendem a desfrutar do trabalho.

Quem não contribui trabalhando de nenhuma forma é muitas vezes desprezado ou excluído dos aspectos mais agradáveis de viver em sociedade, porém nunca é aceitável negar a alguém comida ou tratamento médico. Pelo motivo de não ajudarem a seus próximos, é pouco provável que consigam boas comidas, consultas médicas, massagens ou acupuntura a menos que tenham um problema específico que as impeçam de trabalhar. Porém nunca serão deixadas morrer de fome. É um pequeno gasto de recursos para a comunidade, porém nada comparado como parasitismo de chefes, políticos e forças policiais do passado.

Não há mais polícia. Geralmente, as pessoas estão armadas e treinadas em autodefesa, e a vida de todos inclui atividades que incentivam sentimentos coletivos ou comunais de interesse próprio. As pessoas dependem da cooperação e do apoio mútuo para sobreviver e serem felizes, deste modo aqueles que estragam seus laços sociais, acabam se isolando e prejudicam a si mesmos. As pessoas lutaram para derrotar seus opressores. Derrotaram a polícia e as forças armadas das classes dirigentes, e recordam essa vitória. O imperativo de nunca voltar a sermos governados forma uma grande parte da identidade hoje em dia. Não serão intimidados por ocasionais psicopatas ou quadrilhas de mafiosos.

Em suma, a cidade tem uma insignificante pegada ambiental. Uma grande concentração de pessoas vive em uma área determinada, que contudo contém uma grande biodiversidade, com muitas espécies de plantas e animais vivendo juntas. Não produzem poluição que não sanem elas mesmas. Usam água de fontes, porém muito menos que

uma cidade capitalista, e em acordo com outras comunidades que usam as mesmas fontes. Produzem gases estufa através da queima de combustível, porém a quantidade é menor do que a absorvida da atmosfera pela sua própria agricultura (pois todos os combustíveis são de origem agrária, e o carbono que produzem é o mesmo que essas plantas removeram da atmosfera enquanto cresciam). Quase toda a comida local é produzida de forma sustentável. Existe uma pequena quantidade de produção industrial, porém a grande parte dela usa materiais reciclados.

Fora da cidade, o mundo está ainda mais transformado. Desertos, selvas, montanhas, pântanos, tundras e outras áreas que não podem sustentavelmente suportar altas populações humanas regressaram a seu estado natural. Nenhum tipo de programa governamental foi necessário para criar reservas naturais, simplesmente não valia a pena permanecer nestes lugares quando a produção de combustíveis fósseis parou. Em muitas destas, as pessoas vivem como caçadores-coletores, levando a cabo a mais inteligente forma de economia possível nesta biorregião e tornando a noção convencional do que é futurístico de cabeça.

Algumas comunidades rurais são autossuficientes, sustentadas com a agricultura e a pecuária, ou mais intencionalmente com a permacultura. Muitas pessoas que deixaram as cidades durante o colapso formaram estas comunas e são mais felizes e saudáveis do que durante o capitalismo. Algumas das comunidades permaculturais são compostas de unidades familiares mais tradicionais, com cada família ocupando uma dois acres de terra, estendido sem uma distribuição homogênea sobre um vasto território. Outras compreendem um núcleo densamente povoado, com centenas de habitantes vivendo em doze acres de campos intensamente cultivados, rodeados por árvores frutíferas e campinas com frutas, nozes e gado, rodeados por sua vez por um anel de bosques naturais que servem como um cinturão ecológico, e com o espaço para um ocasional corte de árvores e caça de animais. Estas comunidades rurais são quase completamente autossuficientes, tem uma relação sustentável com a terra, fomentam uma alta biodiversidade, e sua emissão de gases de efeito estufa facilmente equivale a zero.

As comunidades rurais nos pequenos raios em torno das das cidades levam a cabo uma agricultura intensiva, ajudada por alguns produtos manufaturados, em uma relação simbiótica com seus vizinhos urbanos. Cada semana, utilizando carruagens ou caminhonetes a biodiesel, trazem comida e biocombustíveis até um bairro específico da cidade, e levam de volta compostagem (a maioria proveniente de



banheiros, já que os restos de comida servem para alimentar as aves urbanas). Com este nutritivo composto, vidros para estufas, ferramentas de metal e o ocasional uso de tratores ou arados mecânicos compartilhados entre várias pequenas fazendas, é possível produzir altos rendimentos todo o ano sem destruir a terra nem depender de químicos ou combustíveis fósseis. Elas cultivam intercalados e outros métodos derivados da permacultura para preservar o estado saudável da terra e evitar pragas. As fazendas contam com árvores frutíferas e pequenos bosques, e por isso há uma grande biodiversidade, incluindo grande quantidade de aves que se alimentam de insetos. Já que não praticam a monocultura, as pestes e as doenças não se expandem tão incontavelmente como na agricultura industrial capitalista. O uso de plantas nativas, diferentes espécies, a proteção do solo, e a preservação de bosques também mitigam o impacto das secas e do clima extremo causado pelas mudanças climáticas.

Ainda existe uma quantidade aceitável de transporte entre biorregiões. As cidades estão conectadas por meio de trens a biodiesel e as pessoas cruzam regularmente os oceanos em barcos que funcionam com energia eólica. Uma quantidade de finada de comércio interregional funciona desta maneira, porém o transporte interregional serve, principalmente, para permitir o movimento das pessoas, ideias e identidades. As pessoas se locomovem menos do que nos últimos dias de capitalismo, porém, por outro lado, não tem que se preocupar por seguir os caprichos da economia que as obrigava a se mudar para longe em busca de trabalho. As biorregiões são quase completamente autossuficientes economicamente e as pessoas encontram o sustento necessário. Se querem partir é porque querem viajar para ver o mundo e são livres para fazê-lo porque as fronteiras deixaram de existir.

A comunicação de longa distância funciona principalmente através de rádio. A maioria das co-

munidades urbanas e semi-urbanas tem telefone e internet. A produção altamente tóxica de computadores quase acabou, porém algumas poucas cidades usam métodos inovadores e mais limpos para produzir computadores em uma escala mínima e mais lenta. No entanto, existem suficientes peças em circulação e a maioria dos bairros podem manter alguns computadores funcionando se assim desejam. Muitas pessoas da zona rural vivem o suficientemente perto de uma cidade para ter acesso a estas formas de comunicação de vez em quando. Ainda é possível receber notícias de todo o mundo e continuar a cultivar uma identidade parcialmente global.

A base econômica da sociedade se diversificou bastante dentro de cada comunidade linguística. Em outras palavras, uma pessoa pode viver em uma comuna agrícola com um nível de tecnologia muito similar ao da sociedade ocidental no século dezanove, mas na vizinhança existe um bosque habitado por caçadores-coletores. E, algumas vezes por ano, essa pessoa pode visitar uma cidade organizada por sindicatos e assembleias, onde há eletricidade, ônibus, uma estação de trem ou um porto, onde se pode ver filmes ou ler o blog de alguém que está no outro lado do planeta. Imagens e notícias ao redor do mundo passam por cada comuna regularmente. Se fala o mesmo idioma e se compartilha uma cultura e história similar com estas comunidades que são, no entanto, muito diferentes entre si. O resultado disso é que uma identidade exclusivamente separatista e isolada, que poderia trazer problemas como o renascimento de comportamentos dominadores e imperialistas, é constantemente balanceada pelo crescimento de uma identidade global e a mescla com membros tão diferentes de uma comunidade ampla. Na verdade, já que a maioria das comunidades linguísticas se estendem bem mais além de uma biorregião e já que as pessoas desfrutam de uma mobilidade social sem precedentes, cada indivíduo decide, quando chega a uma certa idade, se quer viver na cidade, no campo ou nos bosques. Não somente as fronteiras não existem entre nações artificialmente construídas; as fronteiras sociais tampouco detêm o movimento entre diferentes categorias identitárias e culturais.

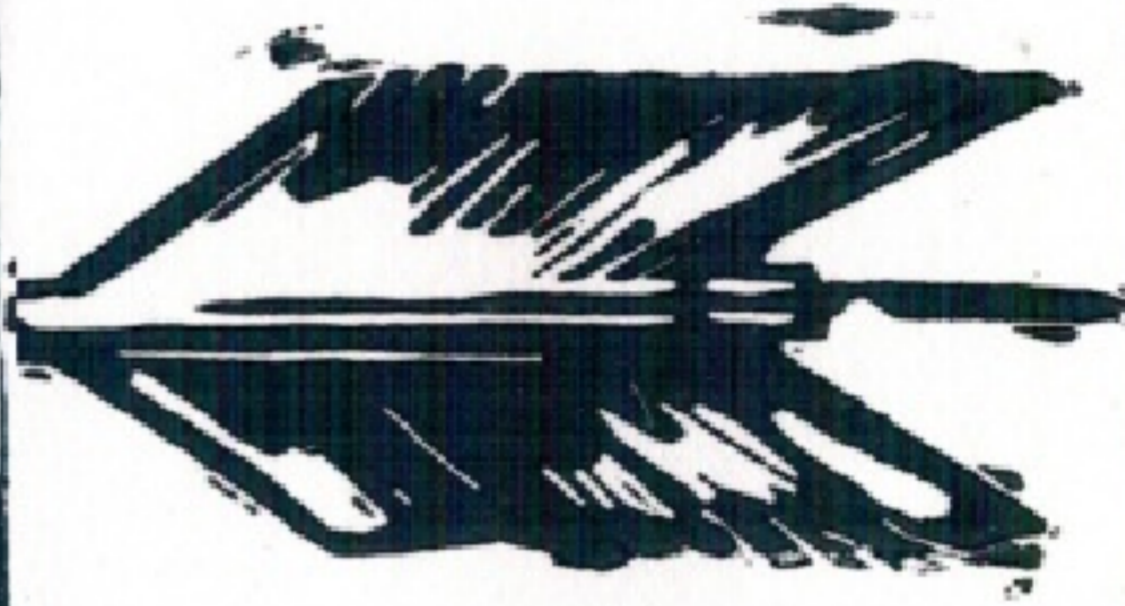
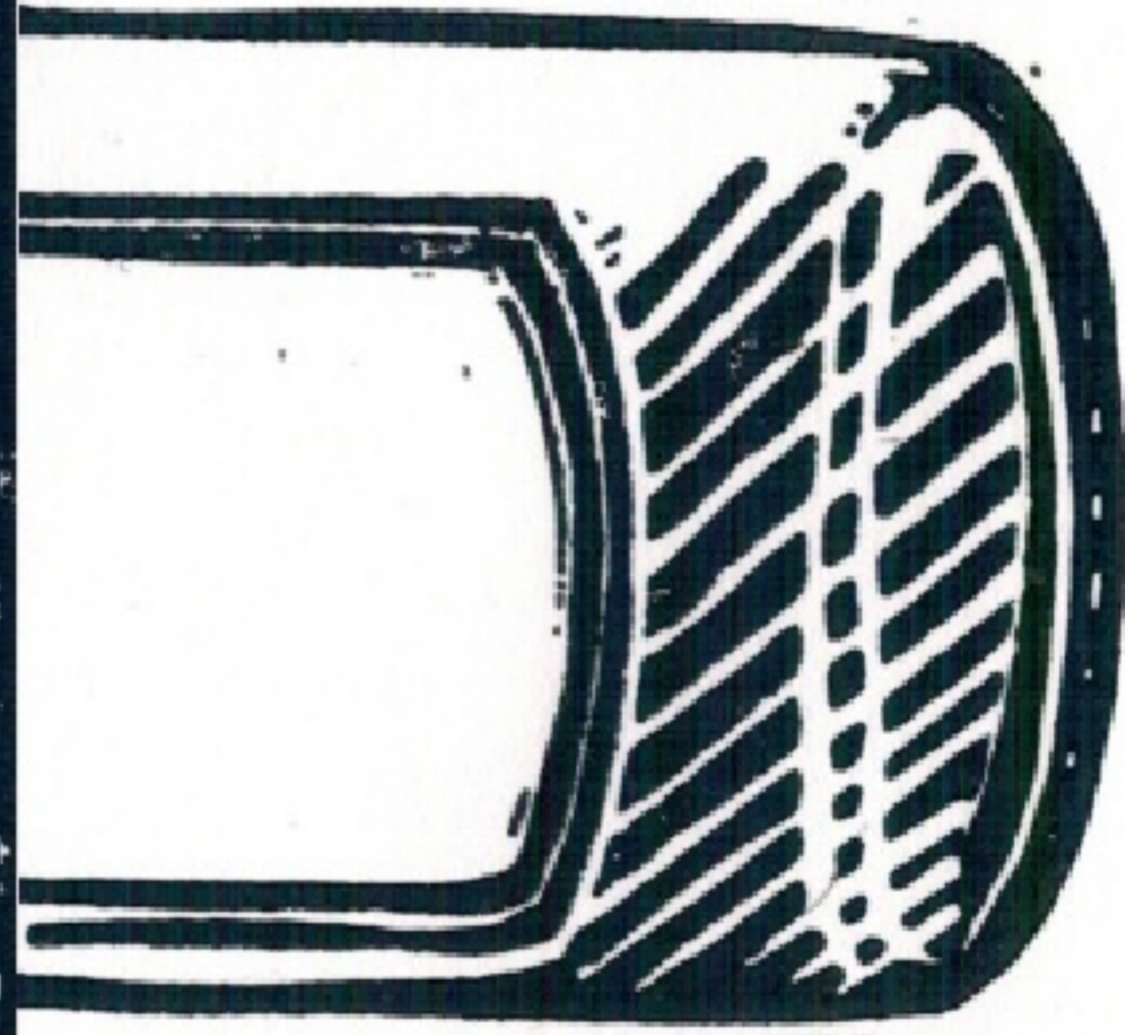
Para as pessoas mais velhas, esta forma de vida se assemelha ao paraíso, mesclado com os sombrios detalhes da realidade – conflitos, trabalho duro, desamores e pequenos dramas. Os jovens simplesmente pensam que este tipo de vida é resultado de um senso comum.



RESISTENCIA

ANTI-COLONIAL

ANTI-FASCISTA



MARIA NIKIFOROVA

1885-1919



"Vocês estão no poder na Rússia, mas o que mudou? As fábricas e as terras ainda não estão nas mãos dos trabalhadores, mas do chefe-Estado. O trabalho assalariado, o mal fundamental do sistema burguês, persiste e, logo, a fome, o frio e o desemprego são inevitáveis. Por causa da "necessidade de aguentar" qualquer coisa" por um futuro melhor, de defender "o que já foi conquistado", criou-se um enorme aparato burocrático; o direito à greve foi abolido, e as liberdades de expressão, de reunião e de imprensa.

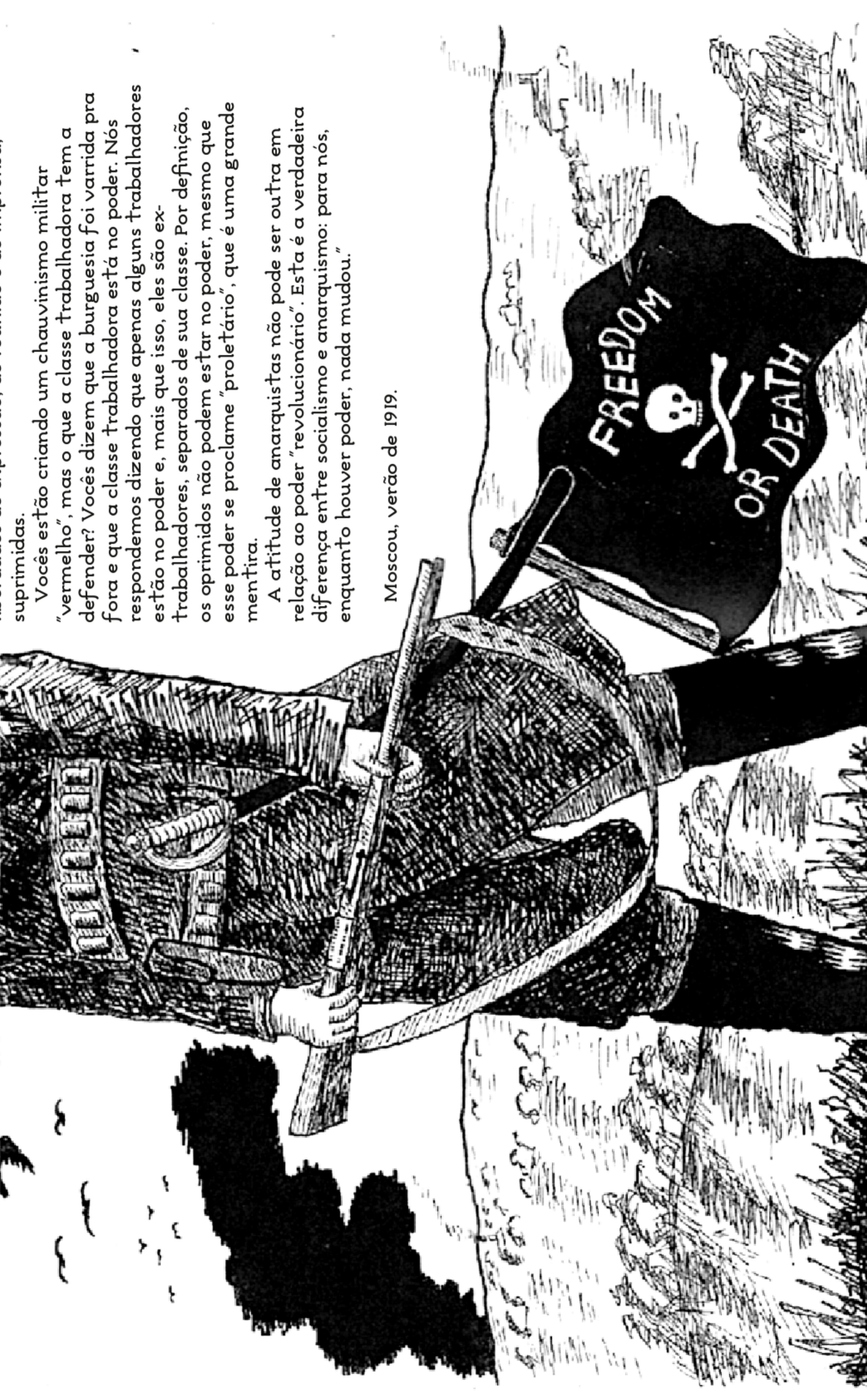


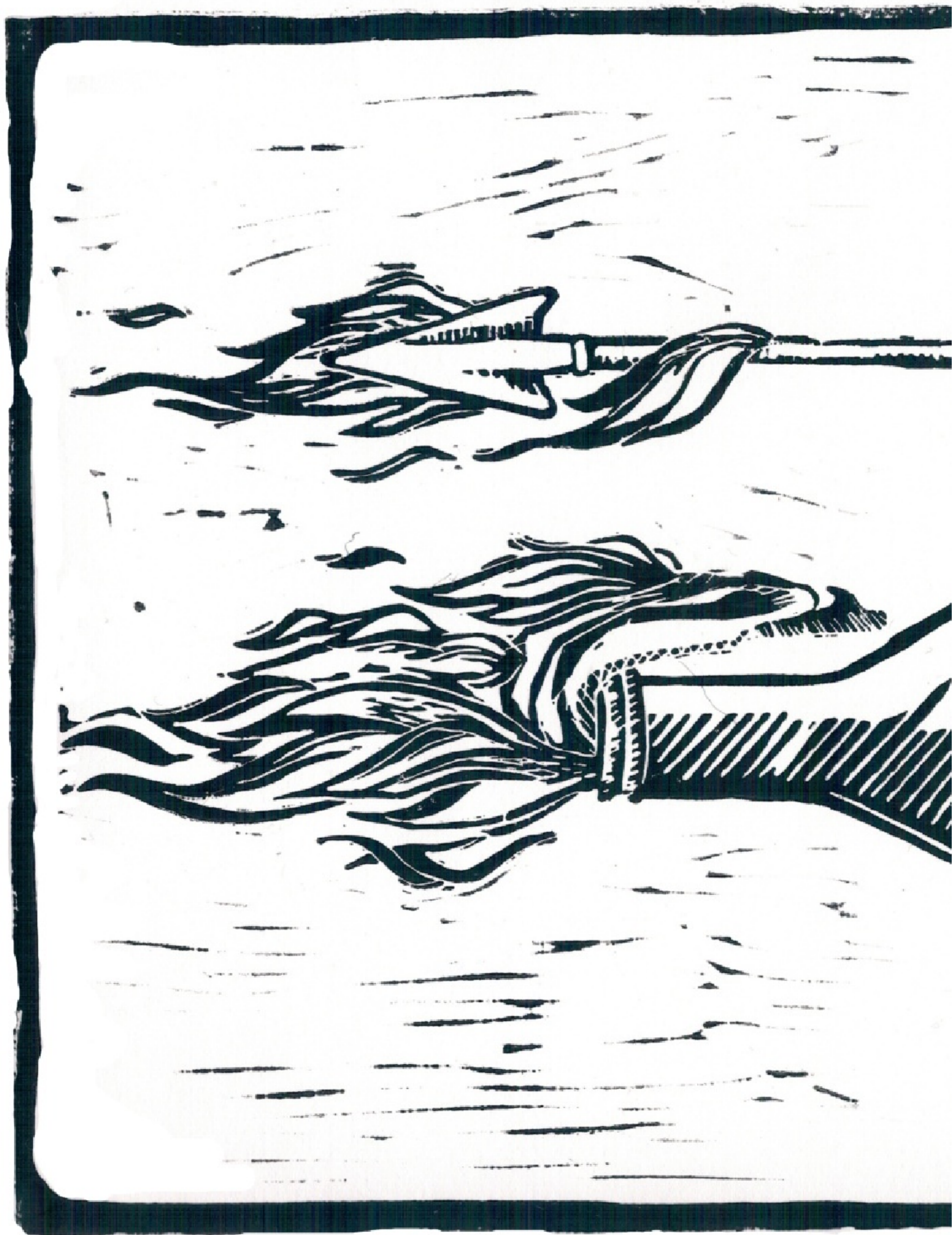
suprimidas.

Vocês estão criando um chauvinismo militar "vermelho", mas o que a classe trabalhadora tem a defender? Vocês dizem que a burguesia foi varrida pra fora e que a classe trabalhadora está no poder. Nós respondemos dizendo que apenas alguns trabalhadores estão no poder e, mais que isso, eles são ex-trabalhadores, separados de sua classe. Por definição, os oprimidos não podem estar no poder, mesmo que esse poder se proclame "proletário", que é uma grande mentira.

A atitude de anarquistas não pode ser outra em relação ao poder "revolucionário". Esta é a verdadeira diferença entre socialismo e anarquismo: para nós, enquanto houver poder, nada mudou."

Moscú, verão de 1919.






E cada ano, o mundo se cura um pouco mais dos estragos causados pelo capitalismo industrial. Novas áreas retornam ao estado silvestre e a quantidade de bosques e zonas úmidas aumenta, enquanto que áreas altamente povoadas se tornam ecossistemas saudáveis graças a jardinagem, a permacultura e a eliminação dos carros. Os níveis de gases de efeito estufa se reduzem lentamente, pela primeira vez em décadas, o carbono retorna aos solos, aos bosques e zonas úmidas, a novas áreas urbanas verdes; e a queima de combustíveis fósseis é erradicada. Mais de um terço das espécies no planeta se extinguiram antes das pessoas mudarem a maneira de viver, porém agora que a perda de habitat foi invertida, muitas espécies voltam a se proliferar. Enquanto a humanidade não esquece a lição mais difícil que já aprendeu, em alguns milhões de anos e a biodiversidade do planeta será tão grande como sempre foi.

Uma vida digna substituiu o lucro como o novo termômetro social e, em um golpe a todos os engenheiros do planejamento social, todo mundo pode fazer suas próprias metas e determinar por si mesmos como alcançá-las. As pessoas recuperaram a habilidade de se alimentar e de fazer suas próprias casas, e as comunidades individuais mostraram que elas são as que se encontram melhor situadas para projetar um modo de sustentabilidade adaptado as condições locais e as várias mudanças resultantes do aquecimento global. Era algo tão óbvio. A única solução que todos os que se beneficiavam com uma economia que gerava mudanças climáticas nunca discutiram era as que poderiam realmente funcionar.

Durante a maior parte do tempo, as pessoas não acreditavam em quem tentava alertar sobre as mudanças climáticas, sobre o colapso ecológico, e outros problemas criados pelo governo e pelo capital – os mesmos que clamavam soluções radicais. Ao final, viram que a melhor decisão que tomaram em suas vidas foi a de parar de confiar naqueles que estão no poder, os responsáveis por todos esses problemas, e ao invés disso começaram a confiar em si mesmas e se partirem para a ação.

A esses leitores que duvidam da possibilidade desta visão, podem dar uma olhada em “Campos, Fábricas e Oficinas”, de Peter Kropotkin, onde cientificamente se mostra uma proposta similar já há mais de cem anos. Também podem prestar atenção em como a terra nativa onde vivem foi organizada antes da colonização. De onde eu venho a Confederação Powhatan manteve a paz e coordenou o comércio entre várias nações no sul da Bahia de Chesapeake, na costa atlântica dos Estados Unidos. Ao norte, os Haudensaunne mantiveram a paz entre cinco, e logo seis nações, por cem anos. Ambos grupos suportaram uma alta densidade populacional mediante a horticultura intensiva e pescando sem degradar o meio ambiente.

Onde agora vivo, em Barcelona, os trabalhadores tomaram a cidade e as fábricas e geriram tudo por si mesmos em 1936. E onde estou escrevendo este artigo, em Seattle, houve uma greve geral de um mês em 1919 e os trabalhadores também se provaram capazes de se organizar e manter a paz. Não é um sonho. É uma possibilidade iminente, porém somente se tivermos a coragem de acreditar nela!



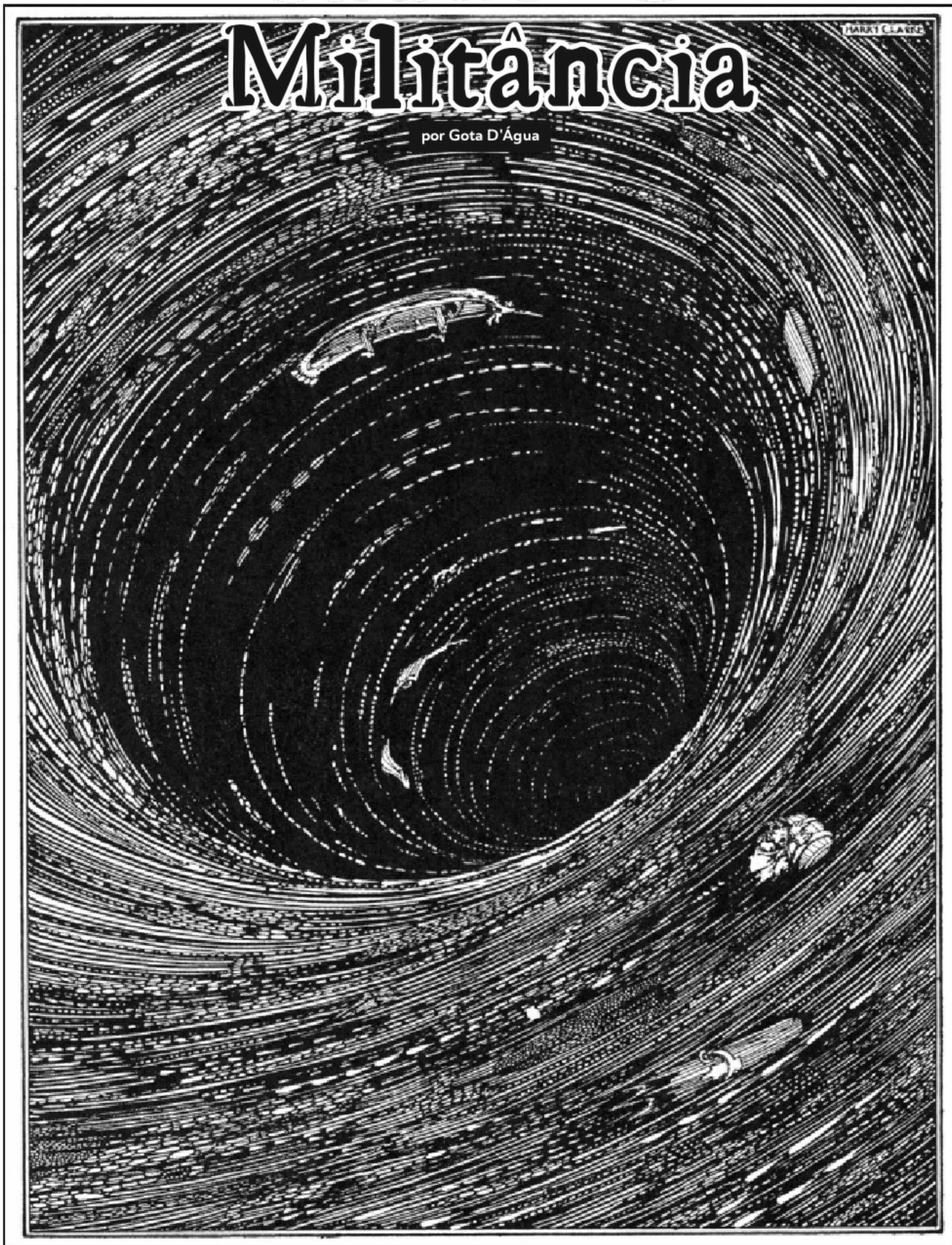
**UM OUTRO
FIM DO
MUNDO É
POSSÍVEL!**

Saúde &

Militância

por Gota D'Água

HARRY CLAYTON



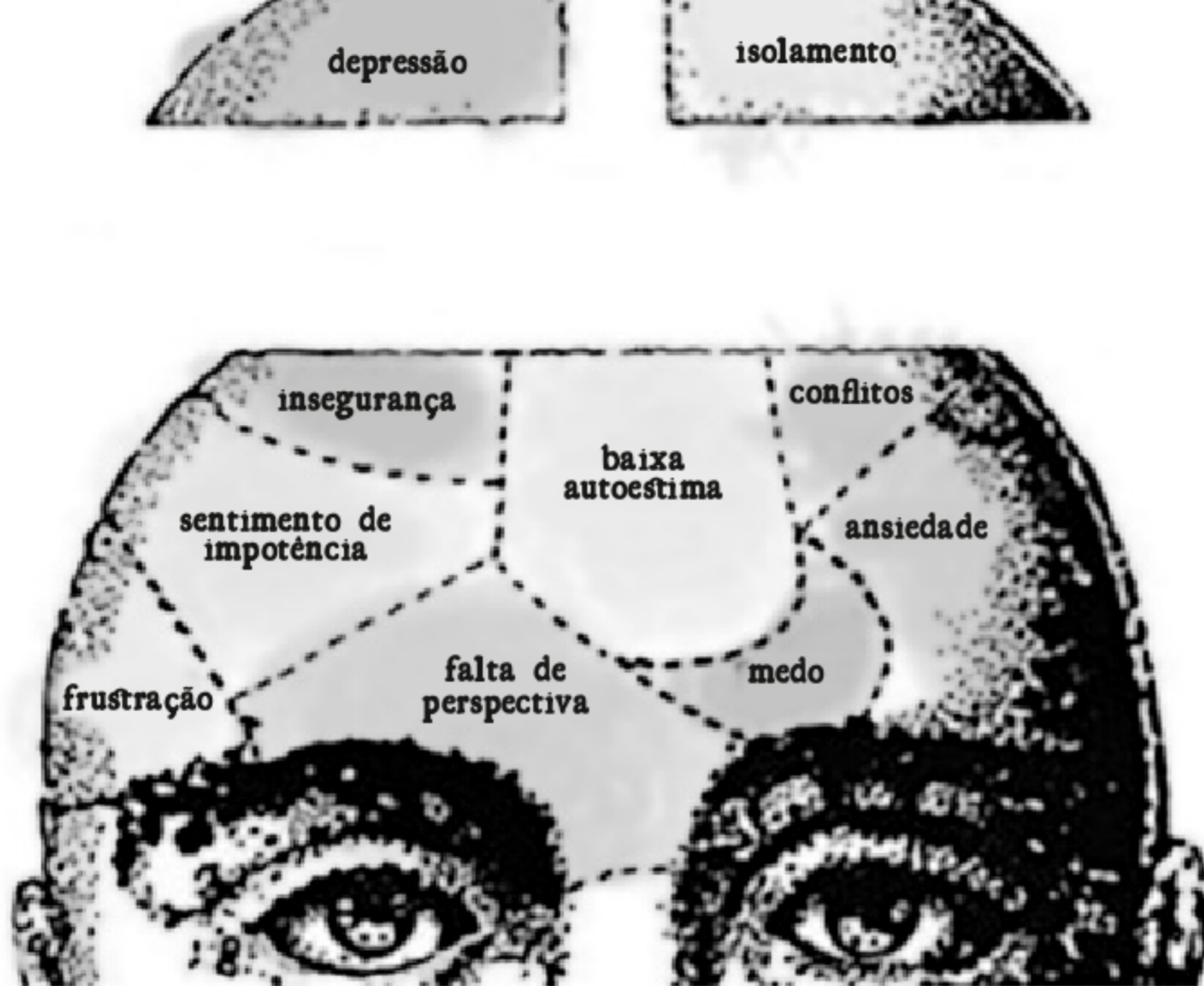
A militância tem hoje dois inimigos urgentes: o governo e a saúde mental das militantes. Enquanto a militância ideal alimentaria nossa alma com a chama da revolta e da alegria e jamais seria feita sem dança e ternura, percebemos em nós e nas pessoas ao redor o quanto estamos realmente distantes do mundo que buscamos. O presente é sombrio e o futuro, incerto. A militância é urgente e oferece um enorme desgaste. Pessoas se afastam ou caem adoecidas pela sobrecarga, pela tristeza, frustração, ansiedade. Já não é novidade que espaços de luta, organizações políticas e coletivos diversos se debruçam sobre essa questão. Mas como é que esse tema vem sendo abordado?

Há sempre certo medo ao falar de algo quando há todo um discurso operando e não se sabe bem em nome de quê ou de quem. Dá medo falar de saúde mental quando tá todo mundo por aí falando disso, quando existe uma catarse (esse alívio, esse efeito terapêutico sem uma real elaboração ou modificação de padrões) em gritar que estamos doentes. Estamos mais adoecidos hoje do que estávamos, como sociedade, anos atrás? Certamente o neoliberalismo nos emaranhou mais e mais em sua teia na vida cotidiana, no plano das relações pessoais e comunitárias – agora tão esvaziadas e vigiadas pelas tecnologias e redes sociais. Mas será que a crise não irrompe justamente porque cortaram nossos paliativos remédios (aquele tal Estado de Bem-Estar Social), fazendo o sintoma gritar desvairado por todo canto?

O capitalismo é um sistema baseado na exploração humana, na violência, no racismo, na colonialidade, no patriarcado. São os nossos corpos que recebem a violência necessária, são os corpos das periferias que derramam o sangue necessário para que os verdadeiros poderosos bebam seu champagne em festas regadas a cocaína e prostituição, comemorando os bilhões de dólares em ações. Em

tempos de crise o dinheiro não mingua – essa é uma imagem incompleta da situação. Em tempos de crise a distribuição desigual do capital se acirra, e a população, empobrecida, pode ser exterminada, controlada e ter sua mão de obra novamente explorada a preços absurdamente baixos. Os direitos sociais são retirados, a subsistência se torna precária, as epidemias sobem, as mortes e adoecimentos elevam suas taxas algazes. Isso é um projeto, um “ciclo do Capital”, uma crueldade inerente ao poder, quando o deixamos na mão de alguém.

A psicologia, assim como todas as ciências humanas, surge para instrumentalizar esse poder no controle da sociedade; para adaptar e pacificar as pessoas frente a tamanho conflito. A psicanálise traz reflexões interessantes sobre a questão terapêutica: terapia etimologicamente significa tratamento, e tratamento prediz melhora, cura, amortecimento das dores. Segundo essas críticas, a psicanálise não deve objetivar alívio ou melhora do sintoma, mera adequação ao tal do discurso do mestre; ao invés disso ela se propõe ‘simplesmente’ – com todas as aspas devidas a essa nada simples tarefa – a permitir que uma pessoa ou grupo ‘entre em análise’. Isto é, que entre em contato com a sujeira do seu inconsciente, do seu desejo, para mirá-la, revirá-la e aceitando suas contradições, engendrar mudanças nas “formas de gozo”. Isso equivaleria, então, a possibilitar às pessoas e grupos que lidem com o seu desejo a partir de outros mecanismos, com um repertório ampliado – não pela adequação de seu desejo, mas pela aceitação ou conscientização, como diria Freud, de seu conflito inconsciente. Por ser o ser humano “inerentemente doente” (ao menos neste sistema), falar de saúde mental, de cura, é uma falácia. O efeito terapêutico é incontrolável, impossível de garantir e, principalmente, secundário.



Mas o que isso tem a ver com a militância, então? Se apostamos que a subjetivação do sujeito se dá com e na realidade social, entendemos que esses conflitos atravessam não apenas os indivíduos, mas nossos grupos, organizações e instituições. Ao olhar para isso não podemos ser ingênuas ou adotar posturas apaziguadoras: há de se encarar os conflitos, escancarar as contradições para que possamos descobrir formas de avançar para além da repetição de nossas estruturas.

Assim, é necessário perguntar-nos diariamente se é possível fazer da busca por autocuidado, coletividade; e do discurso terapêutico, radicalidade? Se a saúde só existe integral e integrada, isso é, olhando para todos os campos da nossa vida, integrando-a à vida como um todo, é difícil não se convencer: a gente só pode ser saudável em um contexto saudável. Saúde não é coisa que se tem, é coisa que se vive. Na prática podemos perceber o quanto não existe essa coisa de saúde mental, saúde bucal, saúde no trabalho, saúde não sei do que... picaram a gente em mil pedacinhos e que sentido isso tem? Se a gente não tá bem numa parte, sobrecarrega outra, estraga outra, e sobrecarrega mais outra e, se não cuidarmos, não tivermos tempo pra elaborar, dá pane mesmo. E assim como acontece em cada um, acontece nos grupos de que participamos: o adoecimento de uma pessoa denuncia o adoecimento de todo um grupo, de todo um contexto.

Gente é uma coisa integrada – corpo, mente, sociedade, território. Não é que precisa tá tudo perfeito pra gente ficar bem, mas é que a vida é caos, movimento, processo, relação. Mas a gente não sabe se relacionar com a vida dessa perspectiva da liberdade, precisamos nos responsabilizar pela nossa felicidade de forma autônoma – isso é um convite pra ser adulto, como já nos disse Flora Matos.

Se o mundo ao nosso redor tá pegando fogo, se tá todo mundo “doente de Brasil” (e bem pralém do Brasil), como é que alguém pode ser um ser iluminado brilhando sozinho em plena saúde? É impossível. Tal poder só é possível na alienação de um mundo metafísico, onde a solução estaria em um mundo para além da materialidade. Quando nossa militância reproduz o sistema que nos adocece, privilegiando espaços institucionais, burocratizando ações, é evidente que adoeceremos tal qual neste sistema.

A diferença é que militar não sustenta a vida em suas instâncias imediatas e, portanto, é possível abdicar dela. Ela é um contraturno não pago pra quem muitas vezes já faz muitos contraturnos não pagos pra sustentar a própria existência. Ela é enfrentar, todo dia, aquilo e aqueles que nos exploram, nos violentam; é muitas vezes romper laços de amizade, de família, de comunidade. Se na militância não encontramos novos laços, apoio, solidariedade para enfrentar tais problemas, ficamos sem nada, sem ninguém – e não há força alguma para viver ou lutar nessas condições. Entramos em contato com saberes dolorosos, passamos a perceber as violências ao nosso redor – não que antes não as sofressemos, mas estávamos devidamente anestesiadas (pela alienação, medicalização, repressão, ‘pacificação’) para evitar a indignação.

É por isso que se não aprendermos com a solidariedade histórica presente nos maiores movimentos populares, seguiremos definhando sem nunca avançar no campo de batalha – os círculos militantes devem avançar para além do trefismo e da cooptação de quadros, muito além da disputa eleitoral. Precisamos ser parte de uma rede de sustentação coletiva da vida mesma, em todas suas instâncias, rompendo com a dependência de um sistema que lutamos para destruir, e com suas

formas subjetivas de perpetuação, onde cada uma é responsável, sozinha, por sua própria sobrevivência – e portanto culpada, sozinha, por suas dificuldades em sobreviver. Precisamos comer saudável, dividir angústias, dormir tranquilas, morar gostoso, rir a beça, dançar, transar, descansar, acessar e criar cultura e arte. Só através da ação e da coletivização é que tal saúde se torna possível.


Estudemos história não para nos tornarmos intelectuais, não para mofarmos junto às páginas dos livros amarelados, mas para para inspirarmos nossa prática, aprofundarmos nossas autocríticas e alimentarmos a chama da revolta em todas nós. Há inúmeros estudos e teorias da psicologia social crítica e dos grupos que apontam o quanto contextos participativos coletivos, horizontais, autogestionados, vivos e não burocratizados convergem em indivíduos e relações mais saudáveis, alegres e autônomos, com potência de ação e criação.

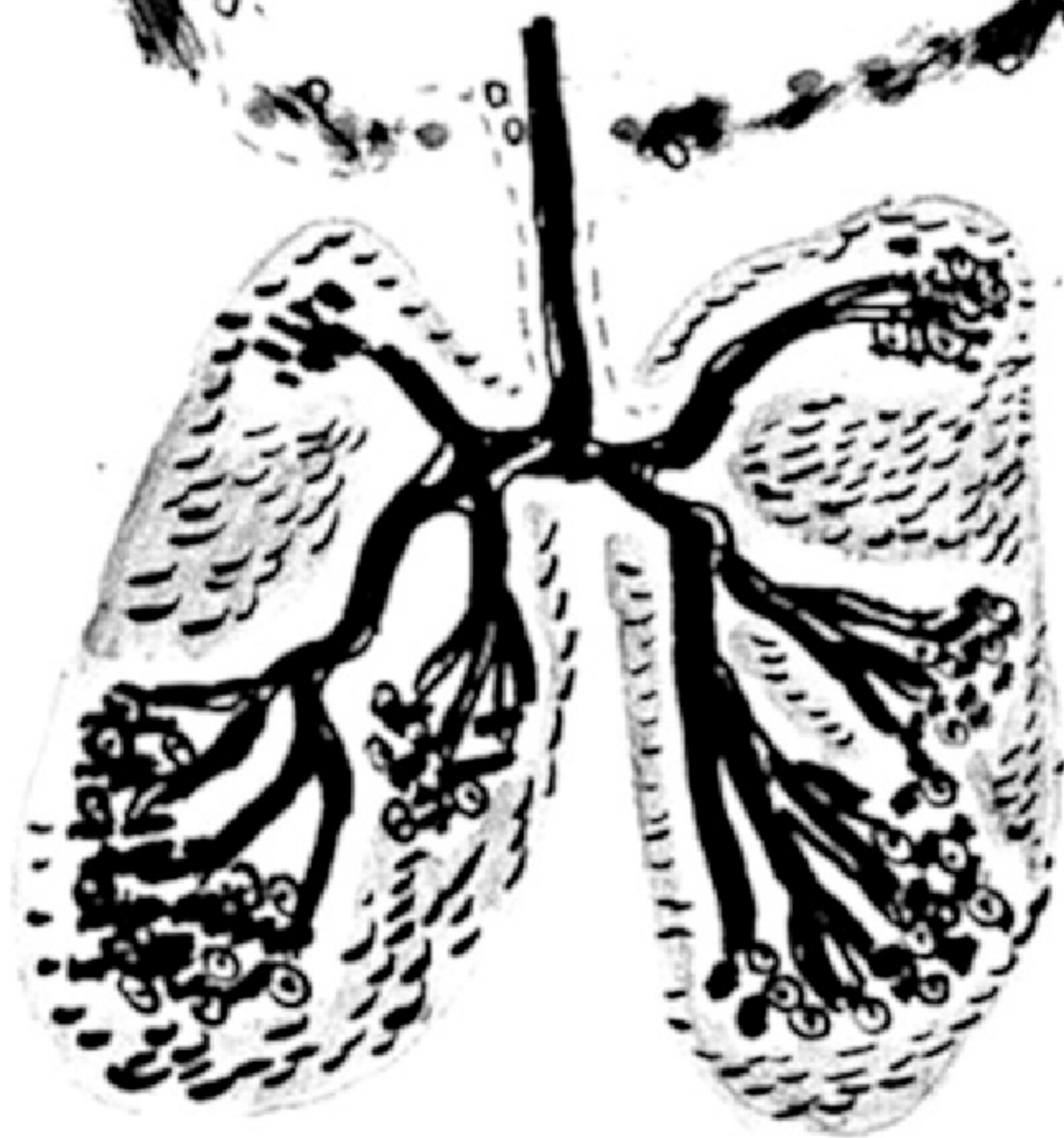
A militância precisa ser um espaço de potência e saúde, no qual, ao experimentarmos formas de relações igualitárias, podemos resistir ao adoecimento inerente ao sistema capitalista. Só poderemos ampliar nossas lutas aprendendo a superar a mentalidade individualista, racista, machista, burguesa, disputando também nossa saúde. É preciso que aprendamos com as populações negras, indígenas, com as mulheres, com os processos revolucionários acontecendo agora mesmo ao redor do globo.

Não é apenas com saúde mental que se faz uma revolução, mas é a partir de uma saúde integral que a luta se torna possível, ao mesmo tempo que construímos, na prática, opções à atual gestão do sofrimento. Contrapondo as terapias individuais, a medicalização, o isolamento e silenciamento ou sustentação em práticas de catarse, defendamos o trabalho grupal, continuado e especialmente pensado para cada contexto, atuando ativamente na construção de formas não in-



dividuais de cuidado. Que sejamos capazes de propor espaços de desenvolvimento de autonomias coletivas, de elaboração em grupo daquilo que sabemos ser maior que nós, de acolhimento àquilo que é de cada pessoa e de criação de ferramentas para o enfrentamento dos sofreres. Que bebamos arte e cultura fora do eixo de mercado. Que nos relacionemos fora dos padrões capitalistas. Quem sabe com isso possamos nos dar o tempo e a chance de aprender – sempre coletivamente – formas mais potentes de convívio e luta. Fica cada vez mais evidente porque a saúde está em disputa: saúde para resistir e criar!

ÀS VEZES TÁ
TUDO BEM SE
TUDO QUE 
VOCÊ FEZ HOJE
FOI RESPIRAR



Por que o Veganismo tem que ser ANTICAPITALISTA

Por Alessandra Nahra

Esses dias eu li um relato da Vivi, do PorQue-Não?¹, em que ela contava que deixou de se declarar vegana no dia em que estava em uma comunidade caiçara “e tinha peixe fresco na folha de bananeira, enquanto os legumes vinham de longe, do Ceasa e com veneno”. Ou seja, com impacto ambiental bem maior do que o peixe pescado ali. Eu entendo completamente essa lógica e essa decisão, mas proponho uma reflexão: por que não tem comida plantada em uma comunidade caiçara? Por que eles não estão produzindo seu próprio alimento além daquele que podem pescar? Muito provavelmente essa comunidade cultivava comida, em um tempo não tão distante. E aí, o que aconteceu? Colonialismo, industrialização, urbanização, progresso, modernidade — uma combinação disso tudo.

Aconteceu na América Latina inteira. Fomos colonizados: primeiro pelo “conquistador”, o homem branco que chegou da Europa saqueando tudo, e, mais recentemente, pelo capitalismo — um sistema econômico que envolve a exploração do trabalho de outros, o lucro sobre a exploração do trabalho de outros, e a alienação (dos meios de produção, da produção em si, do conhecimento de produzir, da terra). Na Guatemala, em 2017, eu vi um cenário muito didático, que mostrava isso melhor do que qualquer aula de história que já tive na vida. Em uma comunidade rural na beira de um lago, na qual se chega apenas de lancha, as pessoas só plantam café, para exportação. O café é cultivado na mata, na sombra de outras árvores. As tri-

lhas da mata são cheias de lixo: embalagens de salgadinhos. No mercado da vila só tem um item vegetal: tomate. O resto é comida ultra-processada: os salgadinhos cujas embalagens poluem as trilhas. Esse povo plantava comida, um dia. Agora são funcionários do capitalismo global e se alimentam do lixo produzido pelo capitalismo global. A terra para cultivar comida está ali. Mas, o conhecimento, não mais.

Feijão, abacate, mandioca...
a essência do veganismo é popular



1. <https://www.facebook.com/porquenaomidia/>



Inhame do norte vendido na rua em Maceió.

Nossa comida é colonizada. Quem nos alimenta, nesse sistema alimentar agroindustrial global, são mega empresas transnacionais. Uma cadeia de produção que começa na semente, transgênica e patenteada, que é vendida ao agricultor por outra transnacional, junto com o pacote de fertilizante, herbicida, agrotóxico. E que chega até nós, os “consumidores”, através de grandes redes varejistas com um imenso poder de negociação. Nós pagamos caro por uma comida que não é alimento, ou que está envenenada, ou cujo agricultor responsável pelo plantio foi o elo da cadeia que menos teve o seu trabalho valorizado em termos financeiros.

Não interessa a esse sistema que as pessoas conheçam a terra e saibam plantar. Interessa que comprem. Por isso não há vegetais cultivados nem mesmo em certas áreas rurais, como na comunidade caiçara que Vivi visitou. Por isso, o veganismo inclusivo e popular (o que serve para todos, não apenas os humanos que podem pagar; o que serve para todos, não apenas humanos) tem que ser anti-capitalista. É duvidosa a vantagem de deixar de comer bichos e seus derivados e continuar consumindo produtos alimentícios de transnacionais. Quando você compra um produto processado de uma empresa dessas, você está apoiando o tipo de agricultura que está destruindo florestas, mesmo

que o boi que comeu a floresta — ou a soja plantada na ex-floresta — não esteja indo para a sua boca. Não tem vantagem nem para os bichos, aliás: as mesmas empresas que lucram com o nicho de mercado “vegano” (entre aspas porque veganismo não é um nicho de mercado) continuam lucrando ainda mais com os nuggets, a maionese de ovo de galinha, o leite da vaca. Um total de zero animais foram poupados nessa estratégia de marketing.

Não adianta ver o veganismo como estilo de vida ou escolha alimentar, como algo descolado da política. Veganismo não pode ser baseado no consumo e não é nicho de mercado. Precisamos pensar o veganismo amplo e popular, e isso envolve decisões que ultrapassam a questão de comer ou não bichos e derivados deles. Tem que pensar em classe, raça, cultura, educação... está tudo misturado. Eu acho que o maior trabalho do veganismo político, agora, é disseminar isso, dizer — olha, veganismo não é comprar ovo vegetal, e não é sobre salvar bichinhos. Veganismo é um movimento amplo de libertação e autonomia.

Veganismo tem que partir de uma perspectiva anti-capitalista. Por que o capitalismo nos faz reféns de um sistema de produção e consumo em que a autonomia e a possibilidade de agência (*) são muito escassas.

Na sociologia, agência refere-se à capacidade de indivíduos de agir independentemente e fazer suas próprias escolhas livremente.

Por um veganismo brasileiro

Há um debate no movimento vegano brasileiro sobre o próprio uso da palavra vegano. Um dos motivos é que as pessoas relacionam a palavra vegano a elitismo, consumo, comida cara e gente chata. Conheço quem não se declara vegano mesmo sem comer o peixe da comunidade caiçara. As pessoas têm receio de serem mal compreendidas ou taxadas de elitistas. Alguns preferem se dizer anti-especista. Que funciona, também, mas mais especificamente para um público iniciado. Talvez, usando esse termo, o vegano-que-não-quer-se-dizer-vegano pareça mais politizado e menos consumista. Mas, na minha opinião, isso não ajuda muito a angariar simpatia ou espalhar informação.



Agrofloresta em Cruzeiro, SP.

Se a gente não chamar nossa ação pelo que é — veganismo — muita gente pode passar a vida achando que veganismo é coisa de rico e nunca sequer ouvir ou entender o termo não-especista. Se a gente não chamar nossa ação pelo que é, e mostrar o que é (spoiler: não é comprar comida cara) aquela pessoa que está iniciando no mundo do veganismo, que não sabe nada sobre termos e tretas, tem tudo para ser cooptada pelo veganismo de mercado e passar um bom tempo comprando justamente comida cara no empório natural, buscando substitutos para chantili e leite condensado, e procurando por opções veganas no menu de restaurantes — até, quem sabe, um dia, com sorte, se ver no meio da feira livre com todas as suas necessidades atendidas e um ponto de exclamação de desenho animado em cima de sua cabeça: “Ah, então isso é que é veganismo?”.

Está na hora da gente resgatar o termo vegano das mãos do mercado. Comida vegana é PLANTA. E não caixa de papelão com plástico dentro com V estampado na capa com comida processada dentro vendida cara no “empório natural”. Precisamos reclamar de volta essa associação. Para que, quando a pessoa pensar “vegano”, ela não pense em elitismo e privilégio, e sim em planta, roça, natureza, agroecologia, alimento produzido de maneira ambientalmente sustentável e socialmente justa; em pais e avós plantando horta em casa, em ancestralidade: mandioca, amendoim, feijão, abóbora, milho. A gente tem que mostrar que a essência do veganismo é popular, que a palavra foi apropriada pelo capitalismo pra descrever um nicho de mercado, mas que veganismo não é sobre comprar coisas e excluir pessoas.

Não tem como veganismo ser um comportamento que, mesmo não explorando animais, continua mantendo um sistema que os explora — assim como explora humanos e o planeta.

O chamado carnismo, esse exagero de consumo de carne que está matando florestas e populações, essa cultura que associa a carne e produtos lácteos a fartura e riqueza e status e virilidade e masculinidade é uma invenção do capitalismo. Ou, indo mais longe, da dobradinha patriarcado/colonialismo, que andam de mãos dadas e são os pais do capitalismo.

Não tinha vaca aqui, e nem galinha, até o colonizador trazer. As populações originárias comiam

basicamente mandioca, batata-doce, abóbora, amendoim, feijão. Os poucos bichos que eles comiam eram caçados ou pescados, e não aprisionados. Comida europeia não era palatável para o indígena de Pindorama; o conquistador chegou impondo a comida estrangeira com violência. O colonialismo está na base dos hábitos alimentares que são a base do nosso consumo.

Se livrar desses hábitos e gostos que foram culturalmente se arraigando (comemorar tudo com churrasco, “não vivo sem queijo”, prática é comida pronta, bolacha recheada é deliciosa — mentira, é uma baita porcaria feita pra gente se viciar) é um ato descolonizador. Descobrir a comida abundante na terra, plantar, comprar do pequeno produtor mais próximo de casa, achar comida na rua, é aplicar o anticapitalismo na prática. E é mais barato.

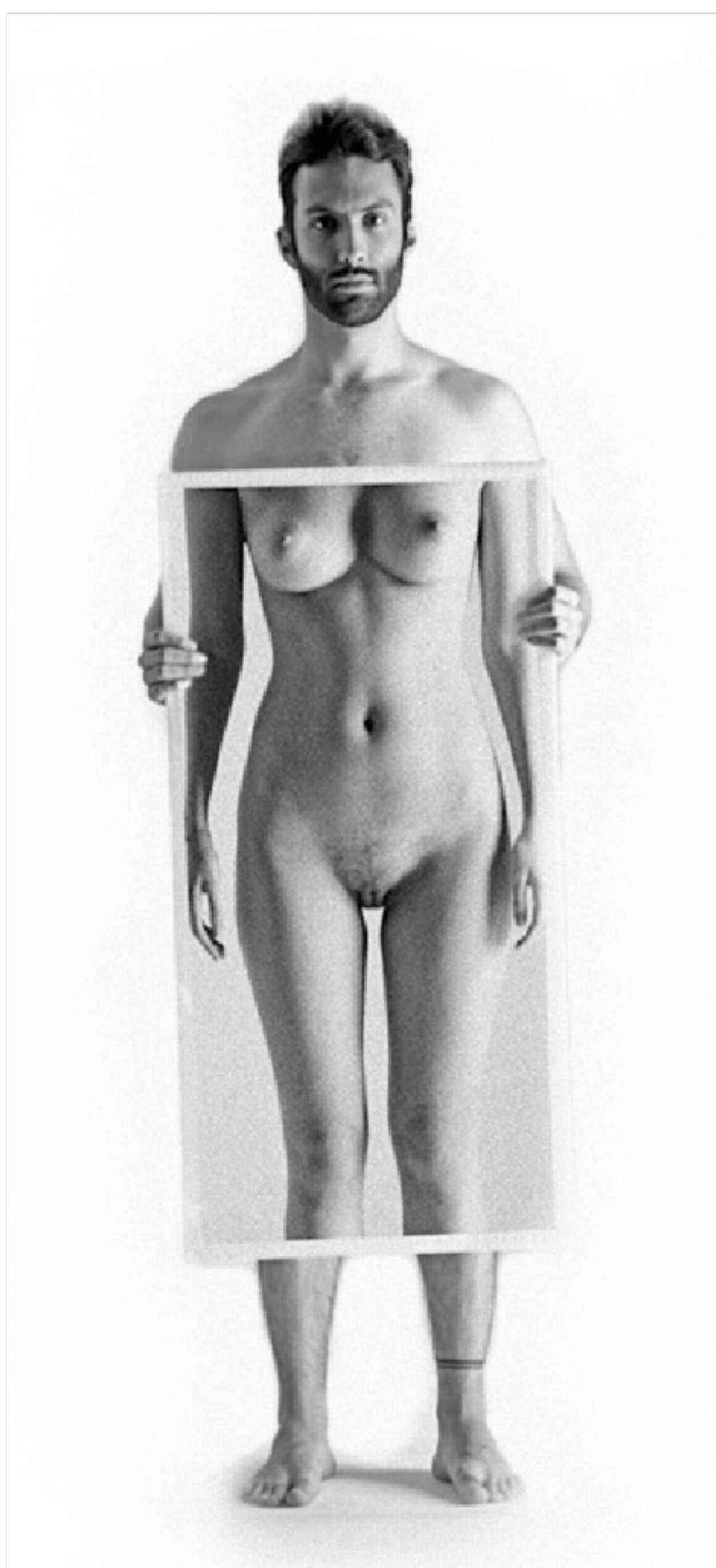
Eles querem que a gente compre o lixo do capitalismo mundial. Eu não vou comprar. Vamos junto?

Para saber mais:

- AZEVEDO, Eliane. Manifesto da comida de verdade ou comer como ato político. 2016.
- CASCUDO, Luís da Câmara. História da alimentação no Brasil. São Paulo: Global, 2011.
- CONFERÊNCIA NACIONAL DE SEGURANÇA ALIMENTAR E NUTRICIONAL, 5ª., 2015. Brasília (DF). Manifesto à Sociedade Brasileira. Disponível em: www4.planalto.gov.br/consea/comunicacao/noticias/2015/novembro/manifesto-a-sociedade-mostra-o-que-e-comida-de-verdade/copy2_of_manifesto.pdf
- ESTEVE, Esther Vivas. O Negócio da Comida: Quem controla nossa alimentação?. São Paulo: Expressão Popular, 2017. 269 p.
- Ministério da Saúde. Brasília (DF): Guia Alimentar para a População Brasileira, 2014. 156 p. Disponível em portal.arquivos.saude.gov.br/images/pdf/...
- RECINE, Elisabetta. Precisamos de comida de verdade no campo e na cidade. 2017. Disponível em: www.embrapa.br/-/artigo-elisabetta-recine

MASCULINIDADE ROMPIDA

por M.D.



Recentemente comecei a incluir no meu guarda-roupa, saias e outras peças de roupa consideradas femininas e, por mais bobo que possa parecer, usar essas roupas na rua me deu um certo sentimento de liberdade¹. Isso pouco a pouco está fazendo eu me enxergar de uma forma mais feminina do que a imagem que sempre tive de mim mesmo. Então agora, com quase 40 anos, estou reavaliando minha sexualidade.

Acho que sempre me considerei homem heterossexual cisgênero, sempre senti atração e me relacionei com mulheres durante toda minha vida. Porém percebo hoje algumas coisas no meu comportamento ao longo desses anos que sugerem que eu não me identificava 100% com o papel de homem como a sociedade nos dita. Por exemplo, quando tinha 15, 16 anos, por diversas vezes, quando estava sozinho em casa me vesti com as roupas de minha irmã e me maquiava. Algumas outras vezes eu ficava nu em frente ao espelho me olhando, escondendo meu pênis entre as coxas. Na época, isso não me fez questionar minha identidade de gênero – esse termo ainda me era completamente desconhecido. Acho que foi nesse mesmo período a primeira vez em que enfiei meu dedo e outros objetos no meu ânus (talvez racionalizando que era pra ter a experiência de como era a penetração), e acabei descobrindo por acaso que ao me masturbar, o meu orgasmo era muito melhor com estímulo anal. Interpretei tudo isso como uma fantasia, uma descoberta, uma forma de me aproximar do corpo feminino, na época algo ainda distante para mim. Até porque eu sentia atração e já tinha me apaixonado por mulheres, e eu enxer-

1. Tirando o fato da nova percepção de que nossas roupas podem nos colocar em risco. Sempre que quero usar saia ou outra roupa não associada com o meu sexo, tenho que pensar na minha segurança física. Se vou sair sozinho à noite, por exemplo, penso duas vezes antes de usar uma roupa que possa me transformar em alvo de fascistas, homofóbicos e outras pessoas que podem se sentir ameaçadas pelo modo como me visto. Isso nos faz ter uma pequena ideia da insegurança e o medo que mulheres e pessoas trans podem sentir pela sua segurança física quando passam por grandes grupos de homens, antecipando assédio ou uma reação violenta.

gava as coisas como a sociedade me educou: ou você era macho e gostava de mulheres, ou você era viado e gostava de homens.

Mas apesar disso, e de nunca ter me interessado por coisas consideradas “coisas de homem”, como futebol e demonstrações de violência física, cresci me considerando um cara hétero e cis. Tive várias namoradas, fiquei com várias meninas. Sempre senti (e continuo sentindo) atração por mulheres. Entretanto, com meus 20 e poucos anos, os modelos masculinos que mais me inspiravam eram alguns músicos gringos um tanto andróginos, homens que tinham certa feminilidade na sua forma de se portar. Eu achava o máximo a forma como eles se moviam, seus trejeitos, e tentava incorporar isso na minha forma de ser. Acho que foi nesse momento que comecei a cruzar as pernas com uma coxa sobre a outra e não com o tornozelo ou panturrilha sobre a coxa, como manda a tradição machista do interior – talvez para mostrar que seu pau é tão grande que você não consegue cruzar as pernas direito.

Eu não apenas me inspirava em homens andróginos mas algumas das meninas com quem fiquei também tinham um pouco de androginia e não se encaixavam 100% no padrão de feminilidade ditado pela sociedade: tinham cabelos curtos, unhas curtas e não pintadas, não gostavam de usar salto alto. Uma das minhas grandes paixões da juventude, de fato, era uma menina bem andrógina: cabelos curtos, magra, com pouco seio e bissexual. Ela também tinha em sua personalidade aspectos que costumamos relacionar ao comportamento masculino, como transar com quem bem entendesse e ter uma certa inconsequência no uso de álcool e outras drogas. Eu, ainda preso no meu papel de homem heterossexual, achava que era meu papel salvá-la dessa vida de depravação e transformá-la

numa boa namorada heterossexual e bem-comportada. Eu não fazia ideia o quão à minha frente ela estava, que estava muito mais libertada que eu. E nós acabamos nos afastando, pois ela sabiamente não queria abrir mão da sua liberdade para estar comigo.

Ao longo dos meus vinte anos, diversas pessoas achavam que eu era gay, inclusive outros homens gays. E talvez eu tenha até entretido essa fantasia um pouco mas nunca levei adiante. Na verdade uma única vez, aos meus 23 anos eu tentei ficar com outro homem, mas no último momento algo acabou me afastando: aspectos masculinos do seu jeito, do seu corpo. Mas isso não me impediu de me fantasiar chupando um pau ou dando a bunda. Uma fantasia que tenho até hoje. De fato, quando li o livro de Virginie Despentes, Teoria King Kong, fez muito sentido para mim quando ela afirma que, nos filmes pornô, as atrizes agem como os homens agiriam se fossem mulheres.

Então, não me sinto atraído pelos aspectos masculinos dos homens, mas por outro lado acho atraentes mulheres e homens andróginos, naquele limite entre o masculino e o feminino, e também mulheres cis e mulheres trans. Talvez eu tenha sempre me enxergado como homem hétero e cis por enxergar as coisas de forma muito binária, preto ou branco, ignorando todos os tons de cinza. Ou eu seria gay – e acharia atraentes os homens de forma geral – ou eu seria então hétero. Ou eu era homem cis, ou seria uma mulher trans. E talvez eu tenha ignorado a coisa mais interessante: que não existe uma fronteira fixa, imutável, eterna, entre o que é masculino e o que é feminino, que a fluidez é muito mais interessante do que o que é estático. Que masculino e feminino são conceitos criados pela sociedade e não leis da natureza inevitáveis. Que eu posso simplesmente sentir atra-



ção por pessoas falantes², sem precisar me preocupar com sua genitália ou enquadrá-las (e a mim mesmo) em uma categoria.

E parece que assim, através da minha experiência pessoal direta, íntima, estou descobrindo e finalmente compreendendo o termo queer em sua integridade e profundidade: uma recusa a ser enquadrado, rotulado, fixado, colonizado, domesticado. Queer é abraçar a liberdade de ser quem

queremos ser sem nos importar com conceitos, julgamentos ou limites. Eu não preciso me definir, me rotular, apenas aceitar, sem culpa ou vergonha, quem eu sou neste momento³, minhas vontades, meus desejos, minhas fantasias. Acolher a transitoriedade, a dinâmica, a impermanência da vida, é cultivar nossas incertezas e usar tudo isso para destruir as normas que tentam nos conformar a papéis pré-definidos.

2. Roubo aqui o termo utilizado por Paul B. Preciado em seu Manifesto Contrassexual.

3. Afinal, estamos sempre em transformação. Se hoje eu não gosto de azeitona, não quer dizer que eu não vá aprender a gostar daqui a um mês.

“Queer não é meramente outra identidade que pode ser colocada em uma lista de categorias sociais, nem a soma quantitativa de nossas identidades. Pelo contrário, é a posição qualitativa da oposição a apresentações de estabilidade – uma identidade que problematiza os limites gerenciáveis da identidade. Queer é um território de tensão, definido em oposição à narrativa dominante do patriarcado branco hétero monogâmico, mas também por uma afinidade com todas pessoas marginalizadas, alienadas e oprimidas. Queer é o anormal, o estranho, o perigoso. Queer envolve nossa sexualidade e nosso gênero, mas muito mais. É nosso desejo, nossas fantasias e ainda mais. Queer é a coesão de tudo que está em conflito com o mundo capitalista heterossexual. Queer é uma rejeição total do regime do Normal.”

–Mary Nardini Gang, *Toward the Queerest Insurrection*.

SOMOS TODAS ANTIFASCISTAS

MENOS A POLICIA!



por Facção Fictícia.

Entramos com tudo em um tempo de reação. A década progressista dá lugar a uma onda de movimentos e governos de extrema direita ganhando espaço em todo o mundo. É difícil acreditar que existe alguma surpresa nisso. Como poderíamos nos surpreender com a eleição de Trump nos EUA e Bolsonaro no Brasil, “quando Putin, Berlusconi, Erdogan, Modi e Netanyahu têm reinado por anos no mesmo modelo¹” na Rússia, Itália, Turquia, Índia e Israel?

Estados Unidos e Brasil são os retardatários em uma tendência mundial. Mas Trump e Bolsonaro não são fascistas se usamos a palavra com rigor histórico e uma análise apurada de suas influências e características políticas. Mas ambos mobilizam emoções e ressentimentos comuns ao fascismo presentes em grande parte das camadas populares, e também das classe média branca e elites conservadoras que historicamente se beneficiam de privilégios desde a época da colonização e da

escravidão institucionalizada nas Américas. Eles falam para os que se sentiram “esquecidos” pelas políticas sociais de programas de governo da última década, como o caso dos democratas de Obama nos EUA, e o PT de Lula e Dilma no Brasil. Portanto, entendemos os governos de Trump e Bolsonaro como populistas de extrema direita. Eles buscam aplicar reformas e ataques a direitos sociais conquistados para reinventar uma forma de governar “em nome do povo”. Sobretudo, são governos que se mantêm a forma democrática, mas praticam a violência de Estado buscando promover a segurança, são, portanto, democracias securitárias.

A violência não acaba, mas é direcionada contra as minorias

Nenhum estado democrático reprime ou elimina definitivamente as milícias ou grupos fascistas e racistas. No Brasil não foi diferente: em 1964 vivemos um golpe de Estado com armas, tanques e disposi-

¹ In The Name of The People, LIAISONS



Rodrigo Amorim quebrando a placa em homenagem à Marielle Franco em 2018, metralhada e morta com o motorista Anderson Gomes por milicianos. Até então, os que encomendaram suas mortes continuam desconhecidos. Sabemos apenas que quem puxou o gatilho foram ex-policiais militares que hoje estão presos.

“Estejam eles vindo de raízes ‘populares’ ou apenas apropriando seu estilo, esse grupo de governantes exuma aquela chamada aliança entre o soberano e seu ‘Povo’. Eles criam a aparência de um abismo no outro lado onde as elites buscam refúgio, espremidas juntas sob a obscura luz do ‘deep state’. Esse novos populistas ganharam corações com a promessa de salvaguardar tudo o que, em nome do povo, é idêntico a eles mesmos, a fim de fazê-lo se levantar, em uníssono, contra a ameaça das minorias étnicas, sexuais ou políticas – um gesto que muitas vezes parece se estender ao ponto de incluir, em um momento ou outro, quase todo mundo. Das entranhas destas massas que vagam longamente no deserto neoliberal, elas ressuscitam um novo Povo de ressentimento.”

– Liaisons, In The Name of The People.

ção para matar, torturar e fazer sumir milhares de pessoas. Em 2018, vimos os herdeiros do aparato militar ditatorial, que foi para o crime organizado das milícias durante a era democrática, organizarem a vitória eleitoral de seu patrono. E Jair Bolsonaro não tem nenhuma vergonha em elogiar e estimular ações ilegais como a tortura e o extermínio, seja de

suspeitos de cometer algum crime ou povos originários habitando uma terra que é sua desde muito antes. E é nessa área cinza entre o legítimo e o ilegítimo, entre a violência policial legalizada e a agressão criminosa de gangues e milícias, que o fascismo opera e cresce para, quando tomar o controle do Estado, poder usar sua força total através de grupos de extermínio, das polícias e das prisões e campos de concentração mantidos e expandidos nos períodos democráticos.

Bolsonaro – assim como Trump nos EUA ou Putin na Rússia – não pretende acabar ou sequer diminuir a gigantesca violência necessária pra manter o Capitalismo neoliberal em sua fase decadente e de crise permanente. O que ele pretende é canalizar essa violência o máximo possível para as minorias políticas: as populações negras, LGBTTTIQ, mulheres, indígenas, imigrantes e pobres. A imagem do “cidadão de bem” que quer ser protegido pela liberação do porte de armas é a imagem do homem branco, de classe média ou alta e heterossexual, que diz querer defender sua família e seu patrimônio da criminalidade, mas se sente muito mais ameaçado politicamente pela ascensão de membros das classes subalternas, pela liberdade das mulheres e de pessoas não heterossexuais ou praticam sexo de forma dissidente. Os que mais se beneficiam diretamente da política de liberação de armas serão os mesmos ruralistas que já praticam torturas e assassinatos nos campos e as milícias que controlam bairros e municípios inteiros em cidades como o Rio de Janeiro. Para o senhor presidente, violência se combate com medidas que apenas aumentam a violência classista, racista e sexista no país.

Para canalizar essa violência contra as minorias, esses líderes precisaram deixar claro seu projeto para serem eleitos. Bolsonaro e Trump não foram

eleitos apesar de serem abertamente sexistas, racistas, homofóbicos. Eles foram eleitos justamente porque são tudo isso. E não apenas o presidente, mas vários parlamentares foram eleitos pela mesma lógica. O candidato Rodrigo Amorim, quebrou a placa em homenagem à Marielle Franco em 2018, enquanto fazia campanha para ser deputado estadual no Rio de Janeiro. Amorim foi eleito como candidato mais votado. Depois de eleito, o deputado emoldurou e pendurou a placa quebrada em seu escritório e alega que estava “restaurando a ordem” quando a quebrou. Para seus eleitores, o fato dele afrontar publicamente a memória ou qualquer homenagem a uma mulher negra, lésbica, criada na favela e que foi assassinada por policiais, é apenas mais uma “demonstração de caráter” de seu candidato.

Quando analisamos esses perfis e suas ações, concluímos que de nada adianta acusar esses políticos de serem machistas, sexistas ou mesmo fascistas. Isso não fará com que percam apoiadores porque foram essas características que atraíram seus apoiadores. A melhor resposta que podemos dar é saber enfrentá-los mostrando que sua política é apenas mais do mesmo, que serão incapazes de melhorar a vida das pessoas dentro do neoliberalismo e entregarão às pessoas apenas mais frustração. Precisamos mostrar que eles são fracos e ainda mais limitados que a organização e solidariedade entre as pessoas.

Seriam os policiais nossos aliados? – e por que polícia antifascista é um contrassenso

Percebemos, assim, que vivemos em um tempo no qual ideias e emoções fascistas desfilam sem muito receio de se mostrar explicitamente, tentando ganhar propulsão com discursos canalizam o ódio contra as minorias. Por vezes, com novos nomes, como Alt-Rigth (Europa e EUA) ou bolsonarismo (Brasil), mas com as mesmas práticas de eliminação e extermínio das formas de vida que ele declara como insuportáveis e indignas de viver. Hoje, esse fascismo não apenas se serve da democracia, como aprendeu a se perpetuar com uma renovada retórica democrática associada ao desejo por segurança. Eles sabem que as instituições democráticas, ao fim, os favorecem.

Para ficar em um exemplo rápido (e cinematográfico) sobre como as instituições na democracia favorecem o fascismo, assistam o filme “In the Fade”, de Fatih Akin, vencedor em Cannes de melhor filme estrangeiro em 2018. No filme, como na vida, a polícia e o tribunal ficam do lado dos neonazistas, sejam eles alemães do PEGIDA ou gregos do Aurora Dourada. Assim acontece qualquer gangue fascista ou neonazista sob o governo de um Estado em qualquer lugar do planeta. Fascismo e Estado democrático de direito não são, necessariamente, antagônicos. E hoje isso é uma verdade por demais evidente.

No Brasil, desde que o bolsonarismo tomou forma político-eleitoral e caminhou em direção à ocupação do governo do Estado por meio da democracia, a temática do antifascismo se espalhou por vários grupos sociais e indivíduos gerando imagens, memes em mídias sociais, camisetas, adesivos, declarações inflamadas etc. É com alegria que os anarquistas, dedicados à lutas antifascista desde sempre, veem isso. Mas essa alegria não abafa a desconfiança de que essa “onda anti-fa” em uma esquerda mais ampla, seja apenas isso: uma onda; ou pior, uma nova grife, uma identidade ou uma tática de frente única para conter os que são vistos como radicais.



Belo Horizonte, 2014.

Nesse sentido, é salutar recordar o alerta do coletivo catalão Josep Gardenyes em seu libelo “Uma Aposta para o Futuro” (Edição Subta, 2015, pp. 19-20), que diz o seguinte: *“insistimos na ideia de que o antifascismo é – e tem sido desde os anos 1920 – uma estratégia da esquerda para controlar os movimentos e frear as lutas verdadeiramente anticapitalistas. Ele também sempre foi um fracasso se o pensarmos como uma luta contra o fascismo. As históricas estratégias propriamente anarquistas para combater o fascismo foram muito mais efetivas, porque entendiam o fascismo como uma ferramenta da burguesia – e nesse sentido, da democracia –, e dessa forma eles atacaram diretamente o fascismo não no ponto onde ele entrava em conflito com a democracia (direitos, liberdades civis, moderação), mas onde ele convergia com os interesses de proprietários e governantes. (...) O totalitarismo do sistema-mundo atual é uma tecnocracia (...) ele é totalmente compatível com a democracia e não tem nenhuma necessidade de carismas nem de aliança conscientes nem pactuadas entre classes, com seus protagonistas indispensáveis e atores proativos.”* O alerta é, no mínimo, pertinente.

“A polícia não é o oposto dos fascistas. Eles abusam, sequestram, prendem, deportam e assassinam mais que pessoas de cor, mulheres e LGBTTTIQ todos os anos do que qualquer grupo fascistas. Eles trabalham mais para fazer avançar a agenda supremacista branca do que qualquer organização de extrema direita independente.”

– *CrimethInc., What they can't do with badges, they do with torches.*

Não queremos com isso dizer que os anarquistas possuem o monopólio da luta antifascista, nem tampouco desprezar ou subestimar a atual onda neofascista e pertinentes reações que ela provoca em amplos setores da sociedade. O alerta provoca uma análise apurada em dois sentidos. Primeiro, é preciso compreender as formas do fascismo contemporâneo e como elas conseguiram equacionar sua presença nas democracias hoje, diluindo as lutas antifascismo no pluralismo democrático e neutralizando seu caráter antissistêmico. Segundo, que ao tomar o antifascismo como principal atividade, os anarquistas correm o risco de cerrar fileiras com aqueles que, mais cedo ou mais, se voltarão contra os anarquistas. Os exemplos históricos são inúmeros, não iremos repetir aqui. Como versa um velho jargão militante: mais importante do que saber *contra quem lutamos* é saber *com quem lutamos*. Ao que acrescentamos: mais importante que saber *o que fazer*, é saber *como fazer*. A nossa luta já é a vida anarquista em ação.

Mesmo admitindo que uma frente, o mais ampla possível, seja importante para se combater o neofascismo, causa, no mínimo, estranhamento que agora temos que presenciar fenômenos bizarros como o surgimento dos autointitulados “policiais antifascistas”. Segundo reportagem veiculada pela revista *Época*, o movimento surgiu em setembro de 2017, composto por policiais civis e militares e demais profissionais da área de segurança pública. Um de seus

criadores, um investigador da polícia civil, diz que o Policiais Antifascismo “busca discutir novas políticas de segurança inserindo o policial no debate público — inclusive no que diz respeito aos seus direitos”. A mesma matéria, informa que o movimento conta “com 10 mil membros e representações nos 26 estados brasileiros e no Distrito Federal.”² O cerne das reivindicações do movimento é a crença de que pode haver uma polícia que respeite as liberdades civis e os direitos humanos e que os policiais devem ser vistos e se entenderem como trabalhadores, assim como o são diversos profissionais de outras áreas. Não duvidamos aqui das boas intenções das pessoas, mas não há um só motivo para acreditarmos nessa histórica instituição de opressão.

A polícia emerge, modernamente no século XIX, como um dispositivo de segurança destinado ao cuidado da população. Na antiga Prússia ela surge como medicina social; na França como instrumento das reformas urbanas como resposta às sedições dos trabalhadores; na Inglaterra aparece vinculada à medicina do trabalho e ao controle dos operários nas fábricas, além de sua faceta de proteção à propriedade do comércio marítimo. Na América do Norte, a polícia é herdeira direta das patrulhas de caça e captura de escravos fugitivos. Então, além de sua faceta repressiva contemporânea, a polícia é, desde seu início, um instrumento de governo voltado ao processos de normalização biopolíticos, como mostram as pesquisas de Michel Foucault e Jacques Donzelot. Sua forma ostensiva é mais recente e ao sul do equador foi acrescida de tecnologias de caça e controle coloniais e escravocratas. Nesse sentido, não é exagero dizer que sob qualquer regime político, a polícia é destacamento dos estados dedicado a manutenção da supremacia racial branca, do controle da classe trabalhadora, da imposição de desigualdade material e do patriarcado: todos os valores e requisitos necessários a um estado fascista. E hoje em dia, após o avanço do neoliberalismo desde os 1970, não apenas do Estado, mas de empresas de segurança privada e do desejo de cada cidadão que clama pelo morte do que lhe é insuportável, atuando como um cidadão-polícia.

Assim, quando uma das lideranças do movimento diz, na mesma entrevista, que “o policial é um garantidor de direitos”, ele não está dizendo nada





São Paulo, 2016.

além da histórica função desse peculiar dispositivo de segurança. Ele segue, justificando a existência do grupo: “a própria palavra polícia significa ‘gestão da polis’. Ele [o policial] deve atuar na cidade garantindo direitos. Ele tem que entender que os direitos básicos de um cidadão são os direitos humanos e fundamentais: o direito à vida, à liberdade de expressão”. Essa declaração expõe, mesmo que involuntariamente, a vinculação da atividade policial com o dever de manter o cidadão e os grupos sociais atrelados ao Estado. Depreende-se disso que, na contingente e elástica atuação cotidiana, cada policial é um agente do golpe de Estado cotidiano que impede que se rompa o vínculo subjetivo, operado nas ditaduras e nas democracias, entre sujeito e governo de Estado. Basta reparar que em todas revoluções modernas, desde a Revolução Francesa e as Independências dos EUA e do Haiti, a única constante invariável é a permanência da polícia – ao lado das prisões, dos exércitos, dos tribunais, das fronteiras. É possível ser antifascista sendo operador de algum destes dispositivos?

Enquanto anarquistas, sempre tentamos deixar óbvio que o papel da polícia é impor e reforçar os desequilíbrios econômicos entre as classes, mantendo os pobres sob controle e o patriarcado e a supremacia branca operando como barreiras à igualdade no Capitalismo.

A violência policial não é um caso isolado, uma aberração local ou a característica de um determinado tipo de regime, mas um elemento fundamental para uma sociedade baseada nos direitos de propriedade privada e na autoridade centralizada do Estado. O papel da polícia é manter as desigualdades de classe, raça, gênero e nacionalidade. Eles vão garantir que as pessoas pobres continuem na pobreza, que as excluídas continuem na exclusão, e que as injustiçadas convivam com a injustiça.

Sendo assim, a polícia é a maior inimiga de quem questiona a ordem imposta, de quem quer mudanças sociais, de quem quer uma vida sem as desigualdades criadas pelo Capitalismo e pelo Estado. Afinal, eles são os primeiros a aparecer para o conflito quando nos cansamos de apenas sofrer as misérias desse sistema e partimos para a ação.

Uma vida sem fascismo é uma vida sem capitalismo, sem Estado e sem polícia

“Nenhum governo do mundo combate o fascismo até suprimi-lo. Quando a burguesia vê que o poder lhe escapa das mãos, ela recorre ao fascismo para manter o poder de seus privilégios.”

– Buenaventura Durruti, em entrevista ao jornalista Van Passen, 1936.

O papel da polícia e o das gangues fascistas não são conflitantes entre si, são complementares. Em 2011, a primeira demonstração pública em defesa das posições do então deputado Jair Bolsonaro foi organizada por skinheads neonazistas em São Paulo. Na época, Bolsonaro era apenas mais um membro desconhecido do parlamento, visto como uma piada, dando declarações racistas e homofóbicas para atrair atenção com polêmicas e escândalos. Dezenas de antifascistas compareceram para impedir que uma marcha neonazi conseguisse ainda mais atenção para Bolsonaro e a polícia ficou entre os dois grupos para impedir um confronto. Quando estamos em grande número, a polícia fica entre nós e os fascistas para “garantir a segurança de todos”. Mas quando somos minoria, os policiais deixam que os fascistas nos ataquem.

Normalmente, a polícia ataca, prende, tortura e mata com impunidade legal. Eles não existem para impedir o crime, mas para garantir que a impunidade para atos considerados criminosos continue sendo monopólio de quem tem poder econômico e político nas mãos. Nas melhores hipóteses, suas limitações são meramente burocráticas: quando a prisão não é em flagrante e é impossível forjar as provas; ou quando é necessário um mandado judicial para desalojar violentamente um imóvel ocupado; ou então quando uma manifestação popular toma as ruas de forma radical e a violência necessária para contê-la é ilegal

2 Ver <https://epoca.globo.com/a-direita-nos-considera-caes-de-guarda-a-esquerda-diz-coisas-que-nos-massacram-23696416>



Contra-manifestação antifascista para barrar “ato cívico” chamado por skinheads neonazistas em apoio às declarações racistas e sexistas de Jair Bolsonaro em São Paulo, 2011.



Quando estamos em grande número, a polícia fica entre nós e os fascistas. Mas quando somos minoria, os policiais deixam que os fascistas nos ataquem.

ou controversa demais para ser praticada de forma explícita pelas forças policiais. Nesses casos, a ação de bandos neonazistas é útil para fazer o trabalho sujo que a polícia não quer ou não pode fazer num determinado momento.

Uma outra utilidade para a ação fascista nas ruas é nos manter ocupados demais tentando evitar que as coisas fiquem “ainda piores” e para lutar contra o sistema em si. O mesmo acontece com políticos como Bolsonaro e Trump: seus escândalos e suas medidas absurdas nos obriga a estar sempre reagindo a suas agendas ao invés de seguir as nossas. Isso faz parecer que estamos tudo o que queremos é restaurar alguma “normalidade” perdida no sistema democrático. Passamos a ser apenas defensores da última versão menos absurda da vida sob o Capitalismo. O que é sempre o risco de soarmos como reacionários enquanto a direita se apresenta como “os rebeldes antissistema”.

Se, depois de toda essa reflexão, alguém ainda acredita que se aliar a membros da polícia em alguma luta social revolucionária pode ser uma boa ideia, afirmamos que abrir as portas e confiar em agentes da repressão estatal que querem lutar contra o fascismo é expor nossos movimentos à infiltração e outros riscos extremos desnecessariamente. Após séculos de luta das classes trabalhadoras e excluídas sendo perseguidas, traídas, mortas e aterrorizadas por instituições como a polícia e o exército; e com a sombra de uma ditadura civil-militar ainda viva na memória, é difícil pensar que tais indivíduos possam ser confiáveis – ou que seus colegas o sejam. Deveríamos trazer para dentro de nossas reuniões, protestos e ações, as pessoas que convivem e compartilham o dia de trabalho com assassinos, torturadores e inimigos da liberdade? Se policiais acreditam que todos devem se opor ao fascismo ou a qualquer forma de opressão, seu caminho deve ser o mesmo de qualquer pessoa à frente de instituições repressivas ou exploradoras: desertar. Que abandonem seus cargos, seus salários, seus privilégios e expropiem o máximo de recursos e munições possíveis que devem estar em mãos revolucionárias – e mesmo assim, é possível que levemos anos ou décadas para sequer começar a dar alguma confiança a pessoas que abriram mão de toda decência humana para aceitar um salário em troca de perseguir, prender e matar.

A luta antifascista entre anarquistas é a recusa ao fascismo, mas também é a afirmação da vida. Não podemos e não queremos estar ao lado de quem opera dispositivos de governo. Nesse sentido NÃO somos todas antifascistas, se nos juntamos a uma instituição criada para impedir que as pessoas transformem sua opressão em revolta.

Por essas e outras, os anarquistas sempre tiveram claro que não existe luta antifascista no interior das instituições. Derrotar o fascismo significa obstruir sua virtualidade contida em qualquer Estado, em especial nas instituições que racionalizam e operam o extermínio: a polícia, o exército, as prisões e todo sistema de justiça criminal. Além disso, a história das lutas anarquistas nos informam que, em muitos casos, a luta antifascista é uma tática utilizada por liberais democratas e socialistas autoritários para conter a radicalidade do nosso anticapitalismo e de nosso antiestatismo inegociáveis. E aí chegamos a nosso ponto: somos todos, realmente, antifascistas? O que pensar de operadores das instituições de extermínio e do racismo de Estado que declaram adesão às lutas antifascistas em momentos de recrudescimento autoritário do regime político? Pensamos, especificamente, nos que se autointitulam policiais antifascistas. Ser antifascista é viver uma vida não-fascista. Como viver essa vida quando se é um agente do Estado armado e autorizado a matar? Como conceber isso? Especialmente num país como o Brasil, onde a polícia carrega toda herança escravocrata e está estruturada segundo os regimes autoritários no país durante o século XX?

Não precisamos nos aliar a mercenários armados, ensinados a obedecer sem questionar, com autorização legal para agredir e matar defendendo as desigualdades existentes em nossa sociedade. Podemos trabalhar em conjunto sob princípios de solidariedade e horizontalidade para atender às necessidades de nossas comunidades, resolver conflitos e nos defender mutuamente da violência autoritária – ou seja, da polícia, fascista ou antifascista. Não existe caminho para a liberdade que não seja através da liberdade aqui e agora. A única autonomia que construímos está nos nossos laços sociais e de solidariedade: se quisermos garantir nossa integridade física contra agressões, precisamos de re-

“...parece que ocorreu uma inversão: por um lado, os progressistas se voltam para o passado, querem evitar a “decadência” dos valores democráticos, e assumem uma posição reativa (que era desde o século XIX a posição dos conservadores clássicos, dos teóricos da decadência, etc.). Por outro lado, os populistas de direita, isto é, os reacionários, se tornaram “progressistas” no sentido de que querem acelerar o tempo e adiantar o futuro – mas por isso são apocalípticos. Apocalípticos porque amigos do apocalipse, porque eles não têm pudor em acelerar o processo de devastação do meio ambiente, em aniquilar pessoas (ou simplesmente deixar morrer, como no caso italiano em que impediram que um barco de refugiados atracasse) e em transformar a sociedade em uma guerra de todos contra todos em que sobrevive o mais armado – e isso não é nenhum “retorno à Idade Média”, é o próprio ápice do desenvolvimento capitalista, cuja verdade não é nenhuma versão democrática e luminosa de sociedade, mas sim esse grande Nada destrutivo.”

– Felipe Catalani, A decisão fascista e o mito da regressão: o Brasil à luz do mundo e vice-versa.

des de apoio mútuo capazes de se defender, precisamos construir autodefesa e autodeterminação, que é nossa forma de liberdade diante da abstrata e dependente ideia de segurança. Cada pessoa e comunidade agindo de acordo com sua consciência e responsabilidades coletivas, em vez da coerção inerente aos governos e os agentes de segurança sempre externos aos conflitos e problemas que a existência dos viventes inevitavelmente cria. Não queremos essa democracia securitária, queremos liberdade e autodeterminação.

A luta antifascista deve ser aliada à luta pelo fim de todas as instituições estatais, principalmente as repressivas. Precisamos alimentar e expandir estru-

turas para tomada de decisão que promovam autonomia e, por fim, práticas de autodefesa que possam nos proteger daqueles que no futuro queiram se tornar nossos líderes, como nos ensinam os povos ameríndios em sua relação com as chefias. Da mesma forma que não existe luta contra opressão sem uma luta contra todo aparato policial e estatal, não existe espaço na luta antifascista para reformar uma economia capitalista, o Estado, sua polícia e suas prisões – e muito menos espaço para policiais em uma luta contra o fascismo. Se, como disse com razão um dos líderes do movimento de policiais supostamente antifascistas, a polícia é a gestão da polis, nós seremos ingovernáveis.





CASOS ISOLADOS

As "autoridades" nos dizem que a tortura, assassinato, sequestro e outras ações violentas cometidas por policiais são "casos isolados". Esta coluna faz uma cronologia de apenas alguns desses "casos isolados" que ocorreram durante a elaboração desta edição da revista.

15/03 – Camaçari, BA – Hebert Felipe Souza Silva, 11 anos, é morto com três tiros em ação policial.

16/03 – Mesquita, RJ – PM mata o menino Kauan Peixoto de 12 anos, que tinha saído para comprar um lanche.

08/04 – Rio de Janeiro, RJ – militares fuzilam carro de família com 80 tiros.

22/04 – São Paulo, SP – Leandro, de 5 anos, morre após ser atropelado durante perseguição policial.

15/05 – Rio de Janeiro, RJ – Professor de jiu-jitsu de projeto social é morto por policiais no Alemão quando ia pra escola.

16/05 – Rio de Janeiro, RJ – polícia mata mototaxista em serviço e menino de 11 anos durante suposta perseguição na Vila Aliança.

23/05 – São Vicente, SP – policial dá três tiros na cara de homem e, ao ser questionado por outras pessoas, dá tiros a esmo. Um desses tiros mata uma mulher de 40 anos que estava na porta de sua casa.

25/05 – Recife, PE – sargento da Polícia Militar mata sua esposa com diversos tiros dentro de academia.

12/06 – Praia Grande, SP – após pedir informação a policiais, jovem de 19 anos é estuprada por eles dentro da viatura.

17/06 – São Paulo, SP – Dois policiais militares foram flagrados agredindo, com chutes no rosto, a um catador de materiais recicláveis.

05/07 – Rio de Janeiro, RJ – sargento da PM é filmado dando tiros de fuzil contra carro parado com quatro pessoas desarmadas, duas são feridas. Sem saber

que tinha sido filmado ele mente afirmando que disparou durante perseguição e troca de tiros.

07/07 – Rio de Janeiro, RJ – dois PMs forçam dois garotos a praticar sexo oral neles sob a ameaça de uma arma.

08/07 – Dourados, MS – PM mata homem dentro de sala de cinema lotada após discutir por causa dos assentos.

15/07 – Manaus, AM – áudios revelam envolvimento do coronel da reserva da Polícia Militar amazonense e Secretário de Segurança do Amazonas, Louismar Bonates, com grupos de extermínio.

18/07 – Goiânia, GO – um sargento e três soldados da PM executam um jovem e depois adulteram a cena do crime.

29/07 – Campinas, SP – policial é preso por torturar e agredir um guarda-civil em crise de ciúmes.

02/08 – Rio de Janeiro, RJ – pesquisa mostra que há três relatos de tortura a presos por dia no Rio de Janeiro, na maioria do caso realizada pelos próprios policiais militares no locais onde ocorreram as prisões.

04/08 – São Paulo, SP – PMs atiram bala de borracha à queima-roupa contra o rosto de mulher que havia testemunhado os policiais espancando um homem. A bala ficou alojada na sua bochecha esquerda e arrancou os dentes da parte de trás da boca.

16/08 – Brasília, DF – policiais atiram na perna e algemam mulher com problemas psicológicos.

16/08 – Rio de Janeiro, RJ – PM do Choque é condenado a nove anos de prisão por tortura de adolescente na Rocinha.

18/08 – Rio Preto da Eva, AM – universitária de 18 anos é baleada na cabeça por sargento da PM durante blitz.

21/08 – Castro, PR – policial é preso após ameaçar a família de pelo menos três pessoas para conseguir dinheiro.

29/08 – Fortaleza, CE – dez policiais civis, incluindo um delegado, são demitidos por se envolverem em crimes como extorsão, furto de gado, assédio sexual e estupro de detentas.

03/09 – Rio de Janeiro, RJ – polícia militar usa veículo blindado e destrói parcialmente casas de moradoras da Cidade de Deus.

03/09 – Rio de Janeiro, RJ – policial militar mata pedreiro que trabalhava em lage na Vila Kennedy.

03/09 – Sombrio, SC – dois PMs são presos por espancar homem até a morte.

05/09 – Apucarana, PR – policial militar é investigado por extorquir comerciantes.

05/09 – Codó, MA – policiais de dentro de viatura em homem e alegam terem-no confundido com "bandido".

06/09 – São José dos Campos, SP – o menino Miguel Gustavo Lucena de Souza, de 12 anos, é assassinado por um PM dentro de um parque de diversões. O policial já havia feito ameaças à mãe do menino: "Se eu pegar o Miguel na rua, pode comprar um caixão pequeno, porque ele não vai voltar mais".

08/09 – Rio de Janeiro, RJ – menino de



Algumas das crianças mortas pela polícia apenas em 2019: Ágatha Felix, de 8 anos, Kauã Rozário, de onze anos, Kauê Ribeiro dos Santos, de 11 anos, Kauan Peixoto, de 12 anos, Juan Ferreira dos Santos, 14 anos, Melquesedeque Romualdo dos Santos, de 16 anos, Miguel Gustavo Lucena de Souza de 12 anos e Hebert Felipe Souza Silva, 11 anos.

12 anos é morto com tiro na cabeça durante operação da PM no Chapadão.

15/09 – Fortaleza, CE – Juan Ferreira dos Santos, de 14 anos é atingido por tiro na cabeça e nas costas por policial durante operação.

18/09 – Curitiba, PR – três policiais são presos com drogas e armas e por participar em incêndio criminoso em comunidade.

20/09 – Nova Iguaçu, RJ – um policial militar matou outro em uma briga em bar.

21/09 – Rio de Janeiro, RJ – a menina Ágatha morre após ser atingida por tiro de fuzil disparado pela PM. No dia seguinte um grupo de policiais invade o hospital que atendeu Ágatha e exige que os funcionários entreguem a bala que matou a menina.

22/09 – Araçatuba, SP – policial é preso após atirar no seu irmão.

23/09 – Campinas, SP – PM mata outro PM a tiros dentro do próprio batalhão.

24/09 – Duque de Caxias, RJ – policial militar dopou, torturou e manteve em cativeiro por três semanas a sua companheira.

28/09 – Cosmópolis, SP – homem que fingia assaltar a lanchonete de seus amigos é morto a tiros por policial à paisana.

28/09 – Araçariguama, SP – policiais em viatura atropelam homem e fogem sem prestar socorro.

27/09 – Curitiba, PA – quatro jovens, sendo três menores de idade, são mortos pela polícia. A polícia ainda disparou na direção de moradores que protestavam contra os assassinatos.

29/09 – Belo Horizonte, MG – cabo da PM é preso por tentativa de feminicídio após espancar sua companheira e tentar disparar contra ela.

02/10 – Salvador, BA – idoso que voltava do mercado é morto com dois tiros

durante abordagem policial.

02/10 – Manaus, AM – capitão da PM abre fogo em festa de aniversário e fere três pessoas.

02/10 – Araruama, RJ – policial militar é preso acusado de chefiar milícia com envolvimento em crimes como roubos, extorsões, sequestros e homicídios.

03/10 – Laranjeiras, SE – policial atira em cachorro de família durante abordagem.

Até mesmo policiais são vítimas da polícia – O número de policiais que cometeram suicídio no Brasil em 2018 (104) foi maior que a quantidade que morreu em decorrência de confronto nas ruas (87), enquanto estavam em serviço. O número de policiais que comete suicídio é proporcionalmente quatro vezes maior que o da população em geral.

05/10 – Rio Branco, AC – três policiais são condenados por torturar homem com cassetete, socos e chutes.

06/10 – São Paulo, SP – levantamento aponta que um policial civil é preso a cada cinco dias no estado de São Paulo, principalmente por crimes de extorsão e associação ao tráfico.

12/10 – Campos dos Goytacazes, RJ – sargento da PM é registrado em vídeo

agredindo sua companheira a socos e continua a bater nela depois que ela cai no chão.

20/10 – Camaçari, BA – policial militar é preso por agressão física e tentativa de homicídio com quatro tiros contra um homem gay. A vítima teve seu baço e teve o seu pulmão perfurado.

29/10 – Coxim, MS – policial militar espanca menino de 13 anos, deixando o com hemorragia interna severa e com o risco de perder um rim.

29/10 – Tacima, RN – policial militar da Paraíba é executado com 10 tiros por policiais militares do Rio Grande do Norte.

30/10 – Manaus, AM – PM mata 17 homens em chacina, inclusive um adolescente de 14 anos, baleado nas costas, e que não tinha envolvimento com o tráfico, em suposto confronto onde nenhum policial se feriu e nenhum tiro acertou a viatura.

08/11 – Maceió, AL – tenente da Polícia Militar é preso por planejar assassinato de empresário.

08/11 – Rio de Janeiro, RJ – dois PMs são condenados pelo assassinato de cinco jovens que voltavam de uma lanchonete em um carro que foi alvejado com 111 tiros.

09/11 – Rio de Janeiro, RJ – homem que caminhava com uma sacola na mão é morto com tiro na cabeça por policiais militares.

10/11 – São Paulo, SP – polícia mata homem rendido com cinco tiros na porta de sua casa.

10/11 – São Vicente, SP – policiais militares são filmados jogando corpo de Melquesedeque Romualdo dos Santos, de 16 anos, em vala.

18/11 – São Paulo, SP – subtenente da PM é condenado por estuprar e matar dentro de seu carro a amiga da sua esposa a quem deu carona.

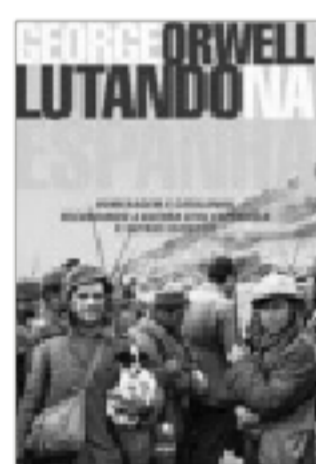
Livros



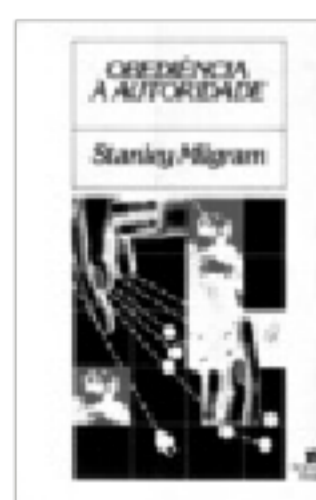
P



A Guerra contra as mulheres, de Marilyn French (1993). O livro traz uma análise brutal da história da repressão política, cultural, econômica e física das mulheres. As quatro partes do livro constroem o argumento central de que a discriminação contra as mulheres não é apenas resultado de uma raiva pessoal masculina, mas de uma estrutura sistêmica, institucional e cultural chamada patriarcado.



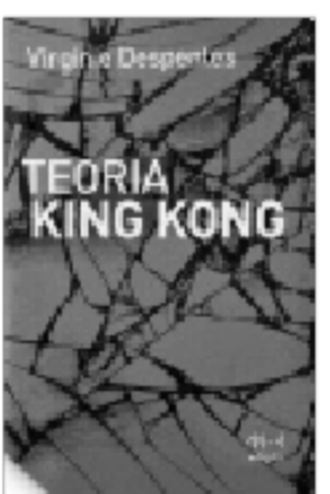
Lutando na Espanha, de George Orwell (1938). Em 1936 estoura o golpe fascista de Franco na Espanha e Orwell decide juntar-se às brigadas internacionais e defender com armas a causa republicana. O livro, que narra suas experiências pessoais como combatente na Catalunha, traz um relato crítico e bem escrito dos primeiros meses da Guerra Civil Espanhola.



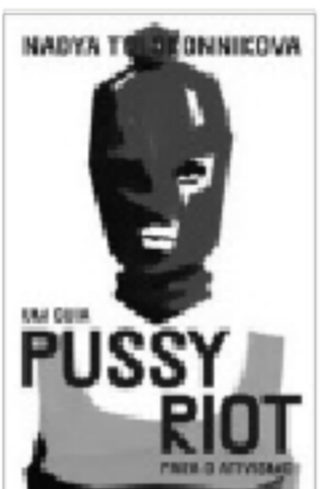
Obediência à Autoridade, de Stanley Milgram (1983). Quais são os fatores que influenciam uma pessoa a causar dano a outra? É isso que Milgram busca responder com o seu controverso experimento. E a resposta que ele encontra é chave para nós anarquistas: a autoridade é tanto mais forte quanto maior é a nossa auto-submissão. O livro tenta explicar os processos que nos fazem nos encolher e aceitar (submissão) mesmo sem ameaças ou uso de força (submetimento).



Şoreşa Rojavayê: Revoluçao, uma palavra feminina, org. Biblioteka Terra Livre (2016). São doze artigos, alguns inéditos em língua portuguesa, outros de próprio punho, a fim de poder compor uma visão abrangente da luta do povo curdo. Buscou-se proporcionar o conhecimento de várias dimensões que compõem a revolução de Rojava sem, todavia, esgotá-las.



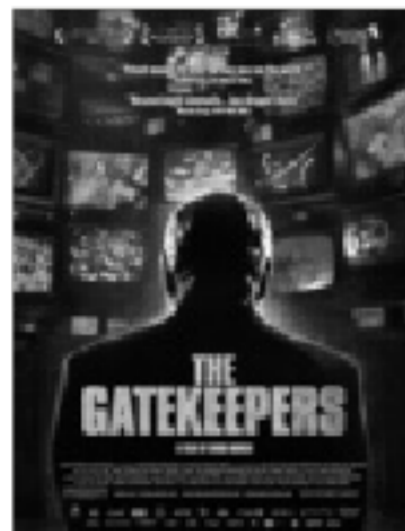
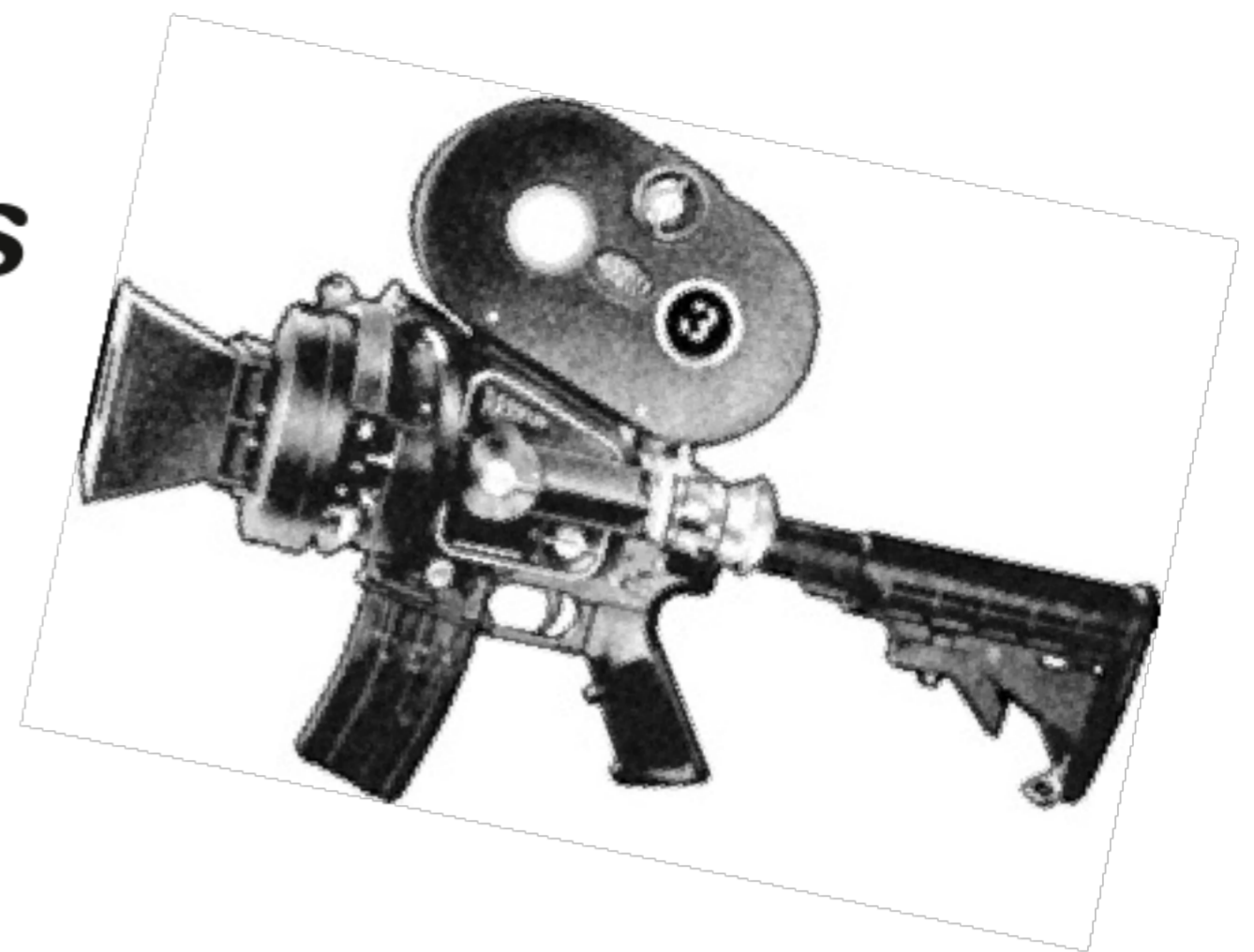
Teoria King Kong, de Virginie Despentes (2016). Em um relato visceral, a autora narra um pouco da sua história: de punk, a prostituta, a cineasta, nos conta sobre quando foi estuprada, e transforma todas suas experiências num grito estrondoso pela libertação das mulheres.



es.



Filmes



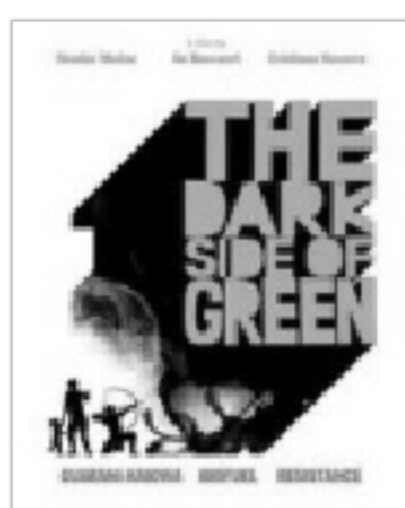
The Gatekeepers (2012). Uma série de entrevistas com ex-diretores do serviço de inteligência israelense mostra como eles atuavam, desde a formação do Estado de Israel até os dias atuais, passando pelas intinfadas, o desenvolvimento do Hamas e o surgimento do Submundo Judaico.



Mundurukânia, na beira da História (2015). Documentário sobre os índios Munduruku, os sítios arqueológicos de seus antepassados e a condição política em que a tribo se encontra atualmente, entre mineradoras e hidrelétricas.



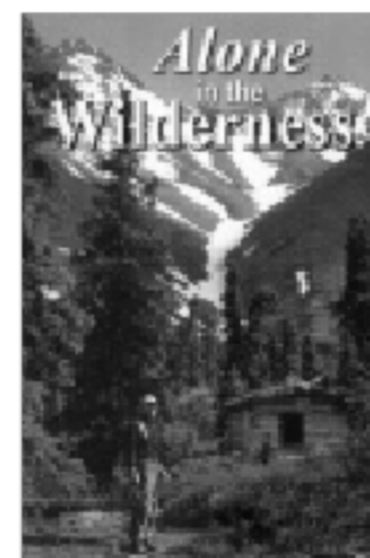
Terra Fria (North Country) (2005). Em 1989, Josey Aimes retorna para sua cidade natal, após escapar de violência doméstica. Com as novas leis trabalhistas de inclusão, ela consegue um emprego numa mineradora. Ali, passará por uma série de situações abusivas para manter o emprego, seus filhos, sua integridade.



À sombra de um delírio verde (2011). Na região Sul do Mato Grosso do Sul, fronteira com Paraguai, o povo indígena com a maior população no Brasil trava, quase silenciosamente, uma luta desigual pela reconquista de seu território.



Pause (2018). Um drama sensível da República Tcheca que consegue ser sufocante e tenso sem mostrar cenas de violência ou ação. Acompanha a vida de uma dona-de-casa de meia-idade que convive com um marido insensível e apático, dentro de um relacionamento ordinário e opressivo. Totalmente frustrada com sua vida, ela tem sonhos de se vingar de toda essa opressão.



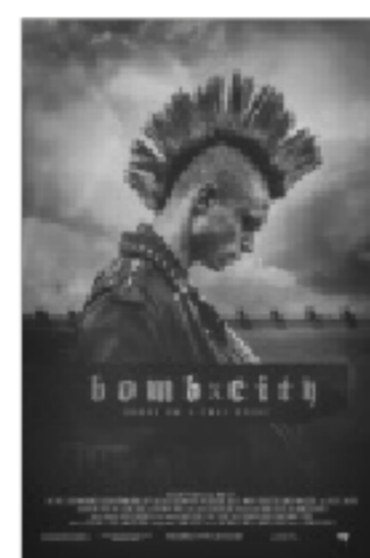
Sozinho na Natureza (Alone in the Wilderness) (2004). Documentário sobre a experiência de Dick Proenneke que nos anos 1960 foi sozinho para uma região isolada da América do Norte construir uma cabana de toras apenas com ferramentas manuais. O filme acompanha o

seu dia-a-dia, suas interações com o ambiente os com os animais da região.



LA 92 (2017). Somente com registros da época, este documentário faz uma cronologia dos conflitos raciais que aconteceram na cidade de Los Angeles, em 1992, depois que policiais que apareciam em um vídeo executando um homem negro foram inocentados por

um júri composto apenas por pessoas brancas.



Bomb City (2017). Conta a história verídica de Brian Deneke, jovem punk morador de uma pequena cidade no interior do Texas que após vários conflitos com adolescentes "normais", populares e atletas acaba sendo assassinado e aqueles responsáveis pela sua morte são inocentados graças aos preconceitos da sociedade e do Sistema.

Guardiões da floresta



Na região ocupada pelo Estado do Maranhão, um grupo de cerca de 180 indígenas Guajajara conhecidos como Guardiões da Floresta resistem contra a invasão da vanguarda do capitalismo e do colonialismo desde 2007, protegendo as florestas da Terra Indígena de Arariboia.

De dia, a maioria dos guardiões cultiva mandioca, arroz e outros produtos na Terra Indígena Arariboia, uma região florestal úmida de cerca de 413 mil hectares no nordeste do Maranhão, um estado que perdeu a maioria de sua floresta tropical ao longo do século passado. Mas à noite, mascarados ou com os rostos pintados com jenipapo e urucum e armados com ri-

fles e revólveres, eles patrulham a mata expulsando madeireiros de seu território e queimando os caminhões utilizados para transportar a madeira.

“A gente não tem escolha. Porque se esperar pelo governo, é como está hoje, não acontece nada. É só mais invasão, destruição... É lutar até o fim, até a última respiração.”

— Laércio Souza Silva
Guajajara

Cerca de 200 campos de extração ilegal de madeira foram destruídos desde que os guardiões deram início às atividades de monitoramento.

Os indígenas não recebem compensação pelo trabalho arriscado e cansativo de investigação, e gastam parte de sua própria e escassa renda em munição, gasolina e manutenção de veículos e muitos ainda perdem suas vidas em emboscadas e assassinatos organizados pelos madeireiros, como aconteceu recentemente com Paulino Guajajara.



CONSTRUA
COMUN-
IDADES

Sentindo-se Triste e Deprimido?



Você está ansioso?

Preocupado com o futuro?

Sentindo-se isolado e sozinho?

Você pode
estar sofrendo
de
CAPITALISMO

Entre os sintomas estão: fadiga, falta de casa, desemprego, pobreza, fome, sentimento de impotência, medo, apatia, tédio, decadência cultural, perda de identidade, auto-julgamento, limitação da liberdade de expressão, encarceramento, pensamentos suicidas ou revolucionários e morte.